



**MEZAQUE ROSALVO DE OLIVEIRA**

**O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL E A  
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO**

**Sinop/MT  
2020**

**MEZAQUE ROSALVO DE OLIVEIRA**

**O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL E A  
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia-UNIFASIPE, Centro Universitário de Sinop, como requisito para a aprovação na disciplina de monografia II no décimo semestre de psicologia.

Orientador (a) Prof.<sup>a</sup> Franciele Longhi

**Sinop/MT  
2020**

**MEZAQUE ROSALVO DE OLIVEIRA**

**O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL E A  
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – UNIFASIPE, universidade de Sinop como requisito para graduação no curso de Psicologia.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Franciele Longhi.  
Professora Orientadora  
Departamento de Psicologia – FASIPE

---

Professor (a) Avaliador (a)  
Departamento de Psicologia – FASIPE

---

Professor (a) Avaliador (a)  
Departamento de Psicologia – FASIPE

---

Ana Paula Pereira Cesar  
Coordenadora do Curso de Psicologia  
UNIFASIPE – universidade de Sinop

**Sinop/MT  
2020**

## **DEDICATÓRIA**

À minha orientadora Franciele Longhi,  
pois sem sua contribuição, este trabalho  
não seria concretizado.

E a todos que carecem de discernimento,  
que acreditam que o modo de ser  
sobrepõe o valor de existir.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora especialista Franciele Longhi, minha orientadora, pelo carinho ao transmitir este conhecimento, e incentivo em obter êxito não apenas neste trabalho, mas também por ser um modelo de sabedoria e ética, que me fortaleceu e me inspirou a concluir esta jornada em psicologia.

A todos os professores que ajudaram a me compor como profissional, que contribuíram direta ou indiretamente com a concretização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem por objetivo tomar conhecimento sobre o desenvolvimento psicosssexual e a formação da identidade de gênero, para constatar a relação do ambiente neste processo de maturação da identidade sexual, assim podendo responder a problemática levantada, visto que na sociedade atual vem ocorrendo inúmeros casos de violência e discriminação de pessoas que não se enquadram no chamado padrão heteronormativo convencionalizado, pois, sabe-se que o melhor modo de minimizar o preconceito é a informação esclarecida, evitando assim, situações constrangedoras desnecessária no contexto social de convivência humana. Para tal foi realizado um estudo teórico sobre o desenvolvimento psicosssexual através da perspectiva psicanalítica a fim de compreender a importância da psicologia e da psicanálise para orientar a sociedade sobre a temática, para que gere assim uma reflexão que venha a auxiliar os profissionais em especial da área de psicologia em como atender pessoas com sofrimentos relacionados à sexualidade.

Identidade é movimento, sendo uma construção e desconstrução contínua de valores, papéis e personagens. Por isso, é importante que haja cada vez mais espaços de discussão e projetos, como conhecimento aqui descritos, sendo estes intimamente ligados ao tema da identidade psicossocial e relação de gênero. Para que a sociedade e instituições tornem-se cada vez mais humanas. Esse trabalho busca mostrar, não apenas a importância da relação entre si, mas também a influência do contexto social no processo de representação da identidade pessoal.

Dessa forma, podemos refletir sobre a fluidez da identidade de qualquer pessoa, a fluidez do processo identitário e a importância das relações dialéticas na dinâmica que constitui a humanidade. Portanto, o estudo da identidade permite uma compreensão mais abrangente do fenômeno, pois considera diversos aspectos que afetam a estrutura identitária, aspectos estes caracterizados pela flexibilidade e alternância de papéis.

**Palavras chave:** Desenvolvimento, Homossexualidade, Identidade de Gênero e Sexualidade.

## ABSTRACT

The present work is a qualitative research that aims to get to know about the psychosexual development and the formation of gender identity, to verify the relationship of the environment in this process of maturation of sexual identity, thus being able to answer the problem raised, since that in today's society there are countless cases of violence and discrimination against people who do not fit the so-called conventional heteronormative standard, because it is known that the best way to minimize prejudice is clarified information, thus avoiding unnecessary embarrassing situations in the context social coexistence. To this end, a theoretical study on psychosexual development was carried out through a psychoanalytic perspective in order to understand the importance of psychology and psychoanalysis to guide society on the subject, so that it generates a reflection that will help professionals in the area in particular of psychology on how to assist people with sexuality-related suffering.

Identity is movement, being a continuous construction and deconstruction of values, roles and characters. Therefore, it is important that there are more and more spaces for discussion and projects, as knowledge described here, which are closely linked to the theme of psychosocial identity and gender relation. So that society and institutions become increasingly human. This work seeks to show, not only the importance of the relationship between them, but also the influence of the social context in the process of representing personal identity.

In this way, we can reflect on the fluidity of any person's identity, the fluidity of the identity process and the importance of dialectical relations in the dynamics that constitute humanity. Therefore, the study of identity allows a more comprehensive understanding of the phenomenon, as it considers several aspects that affect the identity structure, aspects that are characterized by the flexibility and alternation of roles.

**Keywords:** Development, Homosexuality, Gender Identity and Sexuality

## **LISTA DE SIGLAS**

**IPA:** Associação Internacional de Psicanálise

**SBPSP:** Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 – Primeiras Instituições Exclusivas para Alienados .....	<b>19</b>
Quadro 02 – Entendendo as diferenças .....	<b>47</b>
Quadro 03 - As dimensões da mente .....	<b>49</b>
Quadro 04 - As instancias da mente .....	<b>50</b>
Quadro 50 - Estágios do desenvolvimento psicosexual .....	<b>51</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1. Justificativa.....	12
1.2. Problematização.....	13
1.3. Objetivos.....	13
1.3.1. Objetivo Geral.....	13
1.3.2. Objetivos Específicos.....	14
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
3.1. Psicanálise no Brasil.....	16
3.2. Psicologia no Brasil.....	18
3.3. Noções Básicas de Psicanálise.....	20
3.4. Perspectiva Histórica da Sexualidade.....	24
3.5. O Desenvolvimento Psicosssexual Freudiano.....	28
3.5.1 Fase Oral.....	29
3.5.2 Fase Anal.....	30
3.5.3. Fase Fálica.....	32
3.5.4. Fase de Latência.....	33
3.5.5. Fase Genital.....	34
3.6 Personalidade.....	35
3.7. Identidade de Gênero.....	40
3.8 Sexo e Gênero.....	44
3.9. Concepções Psicanalítica Sobre a Diversidade de Gênero.....	47
<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>49</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>54</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>62</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>63</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer da vida o ser humano passa por constantes transformações, durante o desenvolvimento nos deparamos com fases relevantes e necessárias para o nosso amadurecimento, assim como mudanças físicas no corpo, a mente se molda e surgem novas condutas no comportamento sexual, essas podem causar desconforto a quem não compreende ou não está preparado para se pôr diante de certas situações.

Apesar de ser um tema muito falado, a sexualidade e o trabalho terapêutico com pacientes que buscam atendimentos por se sentirem doentes ou por se considerarem um erro da natureza está cada vez mais crescente, muitas vezes seguindo anseios quanto ao desenvolvimento da sexualidade, tanto pelo jovem quanto por seus pais, sendo que dificilmente terá a aceitação da família, muitas vezes taxando como um insulto à família tradicional, apontando como patologia ou anormalidade.

A psicologia entende a homossexualidade como o modo em que o sujeito expressa sua sexualidade, assim como constituído pela resolução nº01/99 que estabelece normas de atuação em relação a questões de orientação sexual, a psicanálise ainda entende como o ponto de fixação ao qual o indivíduo inconscientemente fixou seu ponto de prazer, não tratando como anormalidade, uma vez que é natural tal percurso, visto que o objetivo da intervenção terapêutica se baseia no acolhimento, evitando a patologização da sexualidade por parte do sujeito e de seus familiares. Para tal atendimento o psicólogo precisa entender o processo de desenvolvimento psicosexual do ser humano que, segundo Freud é minucioso, por ter seu início no nascimento e se completar na adolescência.

A psicosexualidade se compõe a partir da identidade de gênero, ou no que se é ensinado sobre o papel do gênero (masculino ou feminino), podendo, em exemplo, ser citado o discurso feito pela ministra Damares Alves (ministra da mulher, família e direitos humanos) “menino veste azul, e menina veste rosa”<sup>1</sup>, no qual é possível analisar o estereótipo imposto sobre a criança sem analisar impactos futuros.

Este trabalho não tem por objetivo apresentar uma patologização da sexualidade, mas apresentar o desenvolver da compreensão da identidade de gênero e suas facetas

---

<sup>1</sup> Trecho do discurso da ministra Damares Alves <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>

para conduzir ou facilitar os atendimentos aos indivíduos que estejam sofrendo por não compreender sua sexualidade ou não conseguir desfrutar de sua orientação sexual.

A identidade de gênero se refere ao sentimento e noção individual de pertencer a um dos gêneros, é importante ressaltar que o papel que se convencionalizou ao gênero pode influenciar na fixação psíquica, como por exemplo, caso de casais heterossexuais em que o homem exerce as atividades domésticas e a mulher se torna a provedora econômica da família, diferente do modelo familiar patriarcal, temos também o caso em que ambos exercem papel de provedores e dividem as atividades domésticas, porém quando voltamos a sexualidade partimos do que o jovem conhece sobre seu gênero biológico e se corresponde ao que possa proporcionar qualidade de vida, ressaltando que a sexualidade não o impossibilita da prática de atividades sociais, todavia o preconceito é um grande desafio limitador.

A orientação sexual refere ao comportamento sexual declarado, fantasiado e expresso, em ambos os sexos, pela fixação do objeto e natureza da atividade sexual (heterossexual, homossexual e bissexual), os desenvolvimentos psicosssexuais sofrem influência em diversos fatores, sendo estes os genéticos, de estruturas cerebrais, exposição hormonal durante a gestação ou influências socioculturais da dinâmica familiar, os desejos conscientes e inconscientes parentais que influenciam na relação com o filho antes mesmo do nascimento, o desenvolvimento e estruturação da psicosssexualidade do indivíduo adulto se conecta com a sexualidade infantil que é o ponto de partida de uma identidade sexual, seja esta saudável ou não.

A sexualidade e suas facetas, quando fluem para a satisfação do indivíduo, não pode ser tratada como patológico, a menos que o sujeito sofra ou tenha alguma aflição relacionada a imagem corporal, ou em fluir a sua sexualidade se deprimindo por tal, conhecido por sofrimento sexual.

### **1.1. Justificativa**

Na atualidade, são comuns notícias sobre violência e discriminação de pessoas que exercem sua identidade sexual de forma distinta daquilo que se convencionalizou como a heteronormatividade cultural. Portanto, discutir sobre o desenvolvimento da sexualidade e identidade de gênero, é uma necessidade, pois o melhor modo de minimizar o preconceito é a verbalização e o esclarecimento daquilo que a maioria dentro de uma cultura desconhece.

A partir disso, lançar luz sobre o tema é uma oportunidade de contemplar a empatia e o respeito para com as diversas formas de expressão humana da sexualidade e identidade de gênero; a fim de evitar situações constrangedoras desnecessárias dentro de qualquer contexto social de convivência humana.

Oportunizar o estudo das nomenclaturas binárias existentes, dialetos, estilos de vida e o cotidiano das pessoas, e compreender o que está relacionado à identidade de gênero, pode auxiliar as novas gerações a conviver de forma harmoniosa consigo e com os demais, a fim de harmonizar as famílias, possibilitar a colocação do sujeito no mercado de trabalho bem como levar uma vida digna e honrada em todas suas perspectivas, diminuindo a marginalização e preconceito provenientes da ausência do conhecimento.

## **1.2. Problematização**

Considera-se que o ser humano, para se constituir como tal, sofre influência, parte da herança genética e parte do meio que o circunda, é obvio que sua constituição como tal não é um mero acaso. O humano é o resultado de um corpo em contato com um ambiente, ou ainda, um corpo formado em um ambiente. As representações psíquicas serão o resultado dessas experiências iniciais, e com isso, é preciso compreender que, ao falar de sexualidade humana, não estamos tratando de uma opção e sim de um desenvolvimento complexo, em que o desejo não é imposto e sim construído a partir de um corpo que, ao receber estímulos (sejam eles internos ou externos), passará a ser orientado para desejos específicos, o que resultará em como compreender suas experiências primitivas com os objetos que o constituíram como humano. Assim, é preciso pensar que a forma de expressão da identidade de gênero não é um capricho, uma mera escolha, mas sim uma expressão autêntica de sua existência. Nesse sentido, elabora-se como problemática desta pesquisa, a seguinte questão: Como acontece o desenvolvimento da sexualidade humana e sua influência na identidade de gênero?

## **1.3. Objetivos**

### **1.3.1. Objetivo Geral**

Compreender o desenvolvimento da sexualidade humana e sua influência na identidade de gênero sob a ótica da psicanálise.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Realizar um estudo teórico do desenvolvimento da sexualidade e sua relação na identidade de gênero através da perspectiva psicanalítica;
- Entender a importância da psicologia e da psicanálise para orientar a sociedade sobre a temática do desenvolvimento da sexualidade e da identidade de gênero;
- Analisar a compreensão psicanalítica a respeito do tema.

## 2. METODOLOGIA

De acordo com Pinto (2004), a pesquisa científica busca descobrir regularidades que acrescentem os conhecimentos de um campo específico e que ocasionem o progresso da ciência. Tal avanço ocorre de maneira interativa, por um processo cumulativo e paulatino de aproximações sucessivas ao problema estudado, no qual cada solução é função do ciclo precedente, e o consolida e desenvolve. Trata-se de um procedimento dinâmico, contínuo e incessante que coloca em questão fatos, teorias e explicações, confrontando-os, com hipóteses antagonistas.

A psicologia, enquanto ciência humana de grande complexidade, sofre influências histórico-culturais internas e externas que interferem na visão do pesquisador e na construção da pesquisa. Em psicologia clínica tal complexidade se torna ainda mais evidente quando é adotado o modelo qualitativo de pesquisa científica, visto que este implica em um processo personalizado e dinâmico de investigação (PINTO, 2004).

Ainda segundo a mesma autora, diversas teorias psicológicas têm sido usadas como base na pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica, sendo a Psicanálise a mais fecunda dentre elas. Nos últimos anos, muito tem sido produzido em pesquisas qualitativas baseadas na psicanálise.

Da mesma forma, o presente estudo trata de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, realizada durante os meses de dezembro de 2019 e outubro de 2020, tendo como base científica materiais constituídos anteriormente como em livros físicos, artigos científicos e dissertações publicadas em revista, bancos de dados e indexadores nacionais e internacionais como a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), *EBSCO Information Services* e a *Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS).

### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

Neste capítulo, serão abordadas as perspectivas histórica da sexualidade, o desenvolvimento psicosssexual freudiano, conceito de identidade de gênero e diferença de orientação sexual e a importância do psicólogo na orientação e acolhimento das diversas expressões da identidade de gênero, não podendo descartar a apresentação da perspectiva histórica da psicanálise no Brasil e a psicologia, sua origem e fundação, e como é composta, concluindo com a ótica psicanalítica acerca da atuação do psicólogo frente ao paciente com dificuldade de aceitação ou maturação de sua identidade sexual.

#### **3.1. Psicanálise no Brasil**

Após a publicação do livro “A Interpretação Dos Sonhos” de Sigmund Freud, surgiu uma nova doutrina, a qual se expandiu rapidamente pelo mundo ocidental nos anos seguintes, e em 1907 houve a fundação das associações psicanalíticas de Viena e a associação freudiana, o que não demorou muito para que outras sociedades fossem fundadas em Berlim, Budapeste, Londres e New York, no ano seguinte a sociedade holandesa e a Suíça de psicanálise, embora ainda tivesse grande crítica da sociedade holandesa a esta ciência, pois eles a consideravam assustadora. Dois anos mais tarde (1910), ocorreu a fundação da Sociedade Norte Americana em Boston, sendo seguida da fundação da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), no ano de 1921 foi criada a Associação Psicanalítica Russa que foi dissolvida em 1928; e em 1925 a Sociedade Psicanalítica Italiana que em 1926 se estabeleceu em Paris (RUSSO, 2002).

No dia 24 de outubro do ano de 1927 a sociedade Brasileira de Psicanálise foi fundada em São Paulo, Francisco Franco da Rocha foi nomeado presidente junto de seu secretário Durval Marcondes, e em 17 de julho de 1928, Durval participou da fundação da primeira sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro, na sede do Hospital Nacional de Alienados onde foi nomeado Juliano Moreira presidente e Porto Carreiro secretário, Juliano foi referência na propagação da psicanálise no Brasil por conta de todos os seus seguidores terem aderido à psicanálise e se tornado membros da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SALIM, 2010).

Então, com base na afirmação, pode-se identificar que, no Brasil, a psicanálise foi apresentada pelo setor médico regente na época e, segundo Pereira Neto (2003), o principal precursor da psicanálise no Brasil foi o médico Juliano Moreira, embora não



haja um relato claro de sua participação da inclusão psicanalítica no Brasil existem relatos de que Moreira tenha utilizado de técnicas freudianas em seus atendimentos em 1899, em sua cátedra na faculdade de medicina na Bahia, mas somente em 1928 foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicanálise, ao qual foi apresentado relatos mais claros de sua inclusão (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

O surgimento da psicanálise no Brasil tinha por objetivo divulgar a psicanálise, criar centros de debates científicos ou grupos de estudos entre seus membros, que permaneceu ativa por três anos, nos anos seguintes as atividades reduziram drasticamente quase a se extinguir, o motivo de tal pode ter sido por Durval ter tomado por conhecimento do sistema de formação psicanalítico, e ter tomado este como principal objetivo a serem alcançados no Brasil, os demais membros não acompanharam Durval nesta caminhada (SALIM, 2010).

Segundo o mesmo autor somente em 1936 o doutor Durval Marcondes conseguiu que a doutora Adelheid Koch (1896-1980), a primeira psicanalista com formação reconhecida pela IPA, a autora na América latina e a exercer análise didática, viesse para o Brasil, e em 1951 no XVII congresso internacional em Amsterdam, a IPA reconheceu como sua integrante na Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo (SBPSP) graças a seu trabalho. Somente no ano de 1940 iniciou-se uma procura medica por especializações e qualificação em psicanálise no Rio de Janeiro, liderados por Danilo Perestrello, trazendo profissionais internacional para residir no rio de janeiro a exemplo do que havia acontecido em são Paulo com Adelheid Koch, após várias tentativas frustradas Danilo Perestrello, Alcion Baer Bahia e Maria Alzira Perestrello foram fazer a formação psicanalítica em Buenos Aires, naquela época o maior centro formador de psicanalistas da América Latina (SALIM, 2010).

E em março de 1949 finalmente Werner Kemper aceitou o convite para morar no Rio, e iniciou a análise de alguns candidatos, em 1953 seu grupo foi reconhecido pela IPA, no Congresso Internacional de Londres, e em 1955, no Congresso Internacional de Genebra, foi reconhecido como Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Mark Burke, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, aceitou o convite de alguns outros candidatos em fevereiro de 1948, para vir morar no Rio de Janeiro, mas em 1953 retornou a Londres, por não ter se adaptado às condições meteorológicas da cidade. Seus analisandos procuraram a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo para terminar a formação e foram prontamente aceitos (PEREIRA NETO, 2003).

### 3.2. Psicologia no Brasil

Com a evolução da psiquiatria brasileira, se consolidou a lei provincial nº 12 de 18 de setembro de 1848, em seu art. 5º previa a criação de um hospício em São Paulo e em 1852 foi inaugurado o Asilo Provisório de Alienados da Cidade de São Paulo, no entanto, sua prática se limitou ao antigo procedimento de reclusão, objetivando retirar os loucos das ruas da cidade (ODA; DALGALARRONDO, 2005; ANTUNES, 2018).

A prática da psicologia no Brasil teve início no século XIX com a inauguração do hospital psiquiátrico (hospício) Pedro II no Rio de Janeiro em 1842, as atividades práticas eram baseadas em Pínel e Esquirol, seguidas do princípio de isolamento, vigilância, distribuição e organização do tempo dos internos que, segundo Antunes (2006), visavam a repressão, o controle e a individuação, com o objetivos de isolar o louco da família e da sociedade, afastando o mesmo do que poderia ser a causa de sua loucura, embora fosse um método visto como terapêutico, era aplicado somente aos internos pobres (ANTUNES, 2018).

José Carlos Teixeira Brandão foi um dos críticos mais marcantes ao procedimento realizado no hospício e se dedicou ao estudo dos alienados. Desejando uma mudança no controle médico da instituição, ele ocupou a cátedra da clínica psiquiátrica e moléstias mentais na faculdade de medicina em 1882, e alguns anos mais tarde, foi nomeado diretor desta clínica, com a proclamação da república seus pedidos foram ouvidos e em 1890 o hospício finalmente veio a se consolidar como clínica psiquiátrica, uma vez que até então era anexo à Santa Casa e seus internos eram cuidados por freiras sem o devido preparo profissional. Em 1903 Brandão deixou a cátedra de medicina e a direção do hospital, e em 1911 Henrique Roxo ocupou juntamente a Juliano Moreira a direção do então consolidado hospital psiquiátrico (RUSSO, 2002).

Segundo o mesmo autor, Juliano Moreira, médico baiano, filho de pais pobres, foi um dos responsáveis pela elaboração e disseminação do conhecimento da Psiquiatria e do reconhecimento da mesma enquanto ciência no Brasil, ele também foi um dos precursores da Psicanálise no país. Permaneceu na cátedra de Medicina até o início dos anos 30, quando foi destituído da direção do antigo Hospício devido à ocorrência da revolução, a qual pretendia apagar todos os vestígios da República Velha (RUSSO, 2002).

De acordo com estudos, durante o Segundo Reinado foram criadas instituições denominadas exclusivas para alienados em São Paulo, Pernambuco, Pará, Bahia, Rio

Grande do Sul e Ceará, como se vê no quadro 1, todos seguindo o mesmo regime de encarceramento, muitas vezes em condições desumanas (ODA; DAGALARRONDO, 2005).

No século XX, embora a situação dos hospícios não diferisse da do século XIX, mudanças foram ocorrendo gradativamente, e as preocupações, que antes eram somente psiquiátricas, foram se delineando mais explicitamente com a Psicologia, isso ocorreu, porque os movimentos psiquiátricos e psicológicos encontraram terreno fértil para se desenvolver, devido às condições precárias de higiene básica; e essa precariedade levou os movimentos a aplicarem seus estudos e conhecimentos, a princípio, em busca de melhorar essas condições. As políticas de higiene mental foram, assim, importantes fontes de produção de pesquisa e de práticas relacionadas à Psicologia, uma vez que os pacientes se tornaram experimentos de suas técnicas, o que favoreceu a psicologia que se desenvolveu dentro de hospícios, com a implantação de laboratórios de atendimentos psicológicos com foco em pesquisas de doutorado das faculdades de medicina (ANTUNES, 2018, p. 41).

**Quadro 1 – Primeiras instituições exclusivas para alienados**

<b>Província</b>	<b>Ano</b>	<b>Estabelecimento</b>
<b>São Paulo</b>	1852	Hospício Provisório de Alienados de São Paulo (Rua São João).
<b>Pernambuco</b>	1864	Hospício de Alienados de Recife-Olinda (da Visitação de Santa Isabel).
<b>Pará</b>	1873	Hospício Provisório de Alienados (Belém, próximo ao Hospício dos Lázarus).
<b>Bahia</b>	1874	Asilo de Alienados São João de Deus (Salvador).
<b>Rio Grande do Sul</b>	1884	Hospício de Alienados São Pedro (Porto Alegre).
<b>Ceará</b>	1886	Asilo de Alienados São Vicente de Paulo (Fortaleza).

Fonte: Oda; Dalgalarondo, 2005.

Nesse período, as práticas psicológicas no Brasil era domínio dos médicos psiquiatras. Algumas unidades psiquiátricas possuíam laboratórios de pesquisa e desenvolvimento em psicologia, cujos objetivos era auxiliar os médicos e atender as necessidades sociais e práticas, se consolidando de um centro de pesquisas científicas em um centro de formação de psicologia (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

Os psiquiatras tinham o objetivo de tornar a psicologia em uma especialidade da área médica, visando impedir que os profissionais psicólogos pudessem se torna uma figura ameaçadora, desta maneira, levou muitos anos para que a psicologia se tornasse uma profissão regular. Desde então, principalmente durante os anos de 1930, a

Psicologia veio ganhando espaço dentro das universidades, com a formação de outros profissionais que complementam as áreas de conhecimentos psicológicos, como por exemplo, os pedagogos, teólogos, filósofos entre outros (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

Até 1962, quando foi regulamentada a profissão de psicólogo no Brasil pela lei 4.119, de 27 de agosto, houve várias manifestações para que a sua regulamentação acontecesse, o que vinha ocorrendo desde 1950, assim, a profissão de psicólogo foi reconhecida em 1962 e fazia parte de suas atribuições, além do diagnóstico psicológico, da orientação e seleção profissional e da orientação psicopedagógica, a solução de problemas de ajustamento (RUSSO, 2002, p. 44).

Com a regulamentação da profissão e o reconhecimento de suas atribuições, ocorreu a elaboração do Código de Ética e Conduta Profissional do Psicólogo. Por fim, nos anos de 1970, a Psicologia com todos os requisitos necessários se torna de fato uma profissão, a partir de então, houve o aumento gradativo do número de profissionais psicólogos, bem como a busca de pessoas interessadas em se especializar na área, sobretudo devido à expansão do curso de psicologia em universidades particulares e a crescente demanda na procura de tais profissionais e seu grande referencial psicanalítico. “Deitar no divã significava sinal de status social, sendo incorporado por pessoas de classe média e alta” (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003, p. 25).

### **3.3. Noções Básicas de Psicanálise**

O termo psicanálise pode parecer novo para algumas pessoas, mas provavelmente muitos já ouviram a expressão: "Freud explica". Mas afinal, o que Freud explica? Seguramente, de acordo com Piovesan et. al. (2018), ele não explica tudo, mas explica as coisas de um ponto de vista diferente do habitual. Sigmund Freud (1856-1939) era um médico vienense que se dedicou a entender a psiqué humana. No início de sua carreira, Freud se dedicou ao tratamento da histeria (principalmente em mulheres) através da hipnose, um método que aprendeu com o psiquiatra de Paris Jean Charcot. Submeter-se à prática da hipnose libertou os pacientes do sofrimento causado pelos sintomas, no entanto, os sintomas retornaram logo após o tratamento (PIOVESAN, et al., 2018).

A histeria é uma estrutura psicológica que especifica um certo tipo de personalidade e relacionamento, e um conjunto de sintomas e formas clínicas relacionadas ao campo da neuropatia mental. Na teoria psicanalítica, a crise

da histeria é a manifestação dos sonhos: nela descobrimos o mecanismo de compressão, substituição, simbolização e disfarce sob o mesmo mecanismo de inspeção (SCHAEFFER In MIJOLLA, 2005, p. 880-881).

Com a recuperação dos sintomas e o fato de que nem todos os pacientes podem ser hipnotizados, Freud abandonou gradualmente esse método e criou seu próprio método de trabalho, chamada “associação livre”. O método incluía o fato de o paciente relatar tudo o que pensava, bem como contar-lhe seus sonhos, diante dos relatos foi possível concluir que alguns fenômenos psicológicos escapam da consciência humana, desta forma Freud baseou sua teoria na existência das dimensões da mente, sendo composta pelo consciente, pré-consciente e inconsciente (PIOVESAN, et al., 2018).

Consciente, ou consciência, pode ser dito como o entendimento direto do sujeito em relação a sua atividade mental, é uma percepção qualitativa da informação proveniente do mundo externo e interno. A pré-consciência, descrita por Freud como o Eu oficial, é a antagonista do inconsciente, sendo estes separados pela censura, é formada por conteúdos que não é totalmente acessível à consciência, mas que pode vir a ser conhecido. Existem no inconsciente conteúdos e informações que o indivíduo desconhece, que foram ocultados por causarem angústia, vergonha ou culpa. Freud chamou esse processo de ocultar de “recalque” ou “recalcamento”, que acontece para que se mantenha o equilíbrio do funcionamento mental e impedindo que o paciente experimente grande sofrimento e desestabilização emocional (MIJOLLA, 2005).

No curso de sua pesquisa, Freud pode determinar que o dispositivo mental é mais complexo do que ele pensava ao descrever as três dimensões da mente (consciente, pré-consciente e inconsciente). Formulou, então, a hipótese da existência de três outras instâncias psicológicas (id, ego e superego), que não cancelam seus pensamentos anteriores, mas os complementam (SCHULTZ, SCHULTZ, 2015).

Segundo Porte (2005), o Id é “a instancia psíquica depositária das pulsões e da maior parte dos processos inconscientes”. Tem por objetivo a obtenção do prazer sendo regido por este princípio, buscando o evitamento da dor, e de modo imediato, constituindo-se, principalmente, por aspectos inatos e desconhecendo a ética, a moral ou valores, além de demonstrar-se egoísta, impulsivo, irracional e agressivo, a parte animal da personalidade. Apesar das aparências, o id não é tão negativo assim, é ele que garante a sobrevivência do bebê quando começa a chorar por sentir fome ou algum desconforto, parando quando suas necessidades são atendidas. (PIOVESAN; et al., 2018).

Freud descreve o Ego como “a projeção mental da superfície do corpo”, Lacan relata, através do “estágio do espelho”, a conquista progressiva do ego, dividindo seu estudo (metafórico) em fases: na primeira fase a criança reage alegremente à imagem do espelho e a reconhece como sendo de outra criança; na segunda fase ela tenta procurar a criança por trás do espelho; e por fim, na terceira fase ela reconhece a imagem como sendo seu próprio reflexo (MIJOLLA-MELLOR, 2005).

O ego é responsável pelo contato com a realidade, tem por objetivo satisfazer as demandas dos instintos primitivos (id) de maneira adequada ao ambiente em que vive. É regido pelo Princípio da Realidade, configurando-se pelo adiamento da gratificação. Representa o equilíbrio psíquico, sendo mediador e integrador entre as pulsões do id e as exigências do superego. Possui componentes conscientes, pré-conscientes e inconscientes e se desenvolve a partir do id já nos primeiros anos de vida por meio das interações sociais do indivíduo (PIOVESAN, 2018).

De acordo com Donnet (2005), o Superego constitui uma das três instâncias do aparelho psíquico, podendo ser descrito como um “herdeiro” do complexo de Édipo. O Superego é a instância da moralidade, fundamentado a partir do ego, tem o objetivo de suprimir os impulsos inoportunos do id, de modo a possibilitar a convivência em sociedade. Apresenta-se como consequência de um processo defensivo regressivo que tende a tornar-se perdurável na realidade psíquica de um mundo regido pelo desejo e a proteção dos pais. É responsável pelo senso de certo e errado, pois compreende os valores morais e culturais do indivíduo e seu grupo, desta forma, é responsável pelos sentimentos de vergonha, culpa e remorso. Assim como o ego, também possui componentes conscientes, pré-conscientes e inconscientes. De acordo com Freud, o superego se desenvolve por volta dos cinco anos de idade (PIOVESAN, 2018).

No ponto de vista psicanalítico, pode-se afirmar que uma pessoa possui saúde mental quando há um equilíbrio entre as três instâncias, entretanto, as demandas do id costumam ser conflitantes em relação às exigências do superego, colocando o ego na difícil missão de realizar os desejos sem desrespeitar os princípios, considerando os aspectos da realidade externa (PIOVESAN, 2018).

Entretanto, é necessário salientar que não é tarefa fácil determinar com precisão quais manifestações correspondem ao id, ao ego ou ao superego, tais instâncias não possuem seus limites claramente definidos, elas se misturam e se confundem, porém é importante destacar que: 1) possuímos forças conflitantes que tendem tanto à união e à boa convivência quanto à princípios destrutivos; 2) a maior parte dessas forças é

desconhecida por estarem no inconsciente. Em razão disso, nem sempre sabemos o que queremos ou compreendemos os motivos de nossos sofrimentos (PIOVESAN, 2018).

Existem situações que podem ser entendidas pelo Ego como ameaçadoras, seja pela existência de conflitos entre ele e a realidade, entre o id e o superego ou até mesmo entre o id e a realidade, provocando o surgimento da ansiedade. A ansiedade leva ao desconforto do indivíduo, precisando, de alguma maneira, ser aliviada, para alcançar tal alívio o Ego se utiliza de estratégias, dentre as quais destacam-se os mecanismos de defesa (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

De acordo com Piovesan (2018), os mecanismos de defesa são inconscientes, ou seja, a pessoa não sabe que os está usando, em geral, destinam-se a proteger os indivíduos de verdades ameaçadoras que poderiam vir a causar algum sofrimento que ele considera de grande intensidade a ser suportado. Para que se possa compreender melhor as estratégias inconscientes empregadas pelo Ego, é possível listar o seguinte:

**Negação:** como o próprio nome sugere, envolve a negação de uma realidade difícil de suportar. Como, por exemplo, o caso dos pais de uma criança que acabaram de receber notícia de que o filho está com uma grave doença. É comum que, num primeiro momento, eles se auto enganem, agindo como se não fosse verdade.

**Projeção:** ocorre quando é feita a atribuição a outra pessoa algo que seja considerado negativo em si próprio pelo indivíduo. Exemplificando, pode-se citar caso em que o conjuge acusa um ao outro de traição quando o desejo parte do acusador.

**Racionalização:** compreende a criação de uma explicação racional e convincente a fim de encobrir sentimentos e emoções dolorosas, como um estudante que reprovou e passa a dizer que foi muito melhor assim, pois terá a oportunidade de aprender os conteúdos novamente; quando, na verdade, está se sentindo fracassado e triste.

Defender que há aspectos da mente humana que não se tem o conhecimento ou o controle por completo foi o que tornou a teoria de Freud tão inovadora. No entanto, para muitos de sua época, suas ideias eram uma afronta. Tais resistências não impediram que ele seguisse com suas descobertas e continuasse escandalizando os mais conservadores. Ao afirmar a existência de um inconsciente, Freud provocou certa repulsa na sociedade da época, basear grande parte de sua teoria na sexualidade foi ainda mais provocador, visto que seus estudos e teorias são datados do final do século XIX e início do século XX, período em que qualquer menção à sexualidade era prontamente taxada de vulgaridade, o que leva a entender um pouco da perspectiva histórica da sexualidade, (GOMES, 2018).

### 3.4. Perspectiva Histórica da Sexualidade

Para apresentar uma perspectiva psicanalítica sobre a sexualidade, é necessário analisar o desenvolvimento histórico da sexualidade, não deixando de realizar uma revisão de como este grupo de pessoas vem sendo investigado, e categorizado no século XIX, juntamente com o surgimento da psicanálise, em 1892, não se falava de sexualidade ou homossexualidade, existiam apenas homens e mulheres que mantinham relações sexuais com parceiros do mesmo sexo, o que se tornava alvo de reprovações ou por crime de transgressão sexual, o que reforçaram estudos sobre a sexualidade uma vez que tal punição oportunizava um modelo considerado normal. Porém, esses atos não os colocavam em diferença das outras pessoas, pois sua atividade sexual não apresentava marcadores de sua personalidade, ou em suas atividades cotidianas (GOMES, 2018).

Segundo Vieira (2009) as primeiras investigações buscavam identificar as manifestações e causas da homossexualidade, nos levando ao estudo da sexualidade com o objetivo de normatizar a sexualidade ou a vida sexual, inicialmente com projetos higienistas dirigidos ao controle e a regulação da vida urbana, vale destacar que não só os homossexuais eram alvos deste movimento, de fato as campanhas de higiene social pertenciam a um momento histórico que apoiavam a expressão sexual, porém restrita aos laços matrimoniais, ou seja, apenas as relações heterossexuais conjugais vinculadas a reprodução e transmissão de bens eram reconhecidas ou normatizadas, sendo ignorada qualquer outra esfera da expressão sexual.

Ainda de acordo com Vieira (2009), no final do século XIX e início do século XX praticava-se uma vigilância moral no que diz respeito a todo o comportamento sexual, porém, haviam aqueles que eram considerados ainda mais transgressores, desta forma teve início a um sistema de tolerância e punições diferenciadas que abrangiam questões de gênero, classe e raças. Por exemplo, consentia-se aos homens uma permissão para atividades sexual extraconjugal, algo que não era permitido às mulheres. A prostituição de pessoas menos afortunadas era comum, desde que mantivessem certos limites, era nessa época menos preocupante o interesse sexual muito forte ou mesmo precoce numa menina adolescente ou até mulheres de classe média, e tal como a homossexualidade, uma vez que sexo extraconjugal poderia trazer filhos bastardos, algo indesejável para a época.

Ainda no século XIX, surgiu interesse em compreender o pensamento sexual, com isso consolidou-se a sexologia, uma nova ciência que visava analisar o comportamento sexual e classificá-lo, o que contribuiu para a produção da



homossexualidade, embora tenha classificado a homossexualidade como uma patologia, trazendo os primórdios do pensamento preconceituoso de um possível contágio. Todavia, houve uma abordagem que tentava justificar, argumentando que se tratava de naturezas diferentes pela qual não haveria o por que lutar, a partir de então surge um conceito e definição de homossexualidade (VIEIRA, 2009).

Dentre inúmeras pesquisas que se destacou após o surgimento de tais definições a sexualidade deixou de ser debate apenas em medicina. Karl Heinrich Ulrichs, autor de 12 livros sobre sexualidade, advogado dos direitos das “minorias” sexuais e fundador do uranismo, desde 1862, que trouxe definições completamente diferente levantando o que foi chamado de culto uranista ou uranismo, que descreve a sexualidade como um impulso que provem da alma, por exemplo: uma alma feminina presa em um corpo masculino, que expressa desejos voltados à homossexualidade, apesar de ser desconcordante de um material mais científico, os uranistas foram pioneiros na elaboração de trabalhos que abolissem a legislação repressiva. Nesse sentido, ele descreveu um certo tipo de homossexualidade natural dos adultos em detalhes, modificando o pensamento da época que via como um vício ou doença, de fato, esse é um tipo de prazer especial inerente à natureza por pessoas com moral e respeito (Lanteri-Laura, G. 1994, pp. 30-31).

Apesar da derrota na luta pela emancipação do uranismo, Ulrichs alcançou grande sucesso graças à sua teoria biológica, que na época era estimulada pelo desenvolvimento do materialismo e do positivismo, embora sua adoção pelos psiquiatras de Berlim significasse que o uranismo era considerado uma condição psicopatológica, o exame psiquiátrico (PEIXOTO JUNIOR 1999, p. 38).

Diante dessa afirmação, o médico húngaro Karl Maria Kertbeny esboçou um dos primeiros fatores na revogação das leis anti-sodomistas, usadas em uma carta a Ulrichs de 6 de maio de 1868. Quatro novos termos: Monossexual - que se refere à masturbação de ambos os sexos (masculino e feminino) sem se envolver casamento ou relacionamento; Homossexual - o conceito de atos eróticos masculinos ou femininos com um parceiro do mesmo sexo; Heterossexualidade - descreve práticas sexuais entre homens e mulheres com parceiros do sexo oposto; Heterogênese - refere-se aos atos sexuais de seres humanos com animais (zoofilia) (VIEIRA, 2009).

Katz (2001) acredita que a heterossexualidade e o comportamento sexual normalmente são uma expressão natural de satisfação sexual para a maioria das pessoas,

no entanto, a heterossexualidade e o comportamento sexual normal não são nem normativos nem sinônimos. Homens e mulheres heterossexuais têm apenas heterossexualidade se tem sexo natural. Os princípios reprodutivos e as relações sexuais que são contrárias à natureza (relações sexuais com princípios reprodutivos) também são suscetíveis à submissão excessiva por grupos do mesmo sexo. Além disso, a maioria das pessoas pensam que, pessoas com sexo normal não terão menos oportunidades para satisfazer o desejo sexual. Podem se masturbar, assim como é provável que abandonem o desejo sexual, o que pode ter efeitos diferentes no modelo ideal de objeto sexual. (KATZ, 2001).

Portanto, Katz (2001) propôs que a heterossexualidade não é um modelo para as virtudes e se opôs a argumentar as razões das políticas opressivas. Os termos heterossexualidade e homossexualidade seriam adequados e foram transferidos para os campos da psiquiatria, psicanálise e direito. É caracterizada por aspectos hierárquicos, como a afirmação da supremacia da vida sexual, que certamente será uma das maiores ironias da história sexual, porque Kerbertny atribuiu o termo à libertação da homossexualidade.

O estudo da homossexualidade precedeu o estudo público aberto da tradição de ganhar a nomenclatura heterossexual, publicada em 1880 no zoólogo alemão "La Découverte de l'me", onde defendeu a homossexualidade pela primeira vez. O termo "heterossexualidade" apareceu apenas na quarta edição da versão alemã de "Psychopathia sexis" de Krafft-Ebing (KATZ, 2001) em 1889. O termo foi influenciado pelo ano de turbulência pública e foi a favor da reforma da sodomia e dos direitos humanos brutais, os uranistas que começaram a trabalhar como psiquiatras em 1869 desempenharam papel fundamental na construção oficial da teoria da normalidade e anormalidade sexual (VIEIRA, 2009).

Foucault (2001) afirmou que desde muito jovem o campo do sexo se tornou um campo anômalo. Em princípio, o campo anormal será codificado, monitorado e analisado através de fenômenos de herança e degradação. Nesse sentido, qualquer avaliação médica e psiquiátrica da função reprodutiva está entrelaçada com métodos de análise anormais. Então, porque dentro do domínio composto pela anormalidade, a doença característica da anormalidade sexual será identificada. Primeiro, as anormalidades sexuais se manifestam como uma série de circunstâncias especiais anormais. No entanto, por volta de 1880-1890, manifestou-se como a etiologia geral da maioria das outras formas de anormalidades (FOUCAULT, 2001).

Portanto, na visão dos homossexuais, a homossexualidade não é mais considerada uma variante do sexo como anteriormente definida por outros autores, mas tornou-se a definição de ética médica. Por outro lado, a heterossexualidade não foi amplamente estudada até o século XX, e foi resumida em termos normativos até mais tarde, numa tentativa de definir com mais precisão as características da "perversão" é importante na construção da padronização heterossexual. A parte de definição é um trabalho no campo dos estudos de gênero no final deste século, com foco em dois campos diferentes no fim do século XIX. Depois de categorizar inúmeros tipos de comportamentos sexuais, tentamos definir as características básicas que constituem a masculinidade e feminilidade normais e logo as consideramos características biológicas. Para a maioria dos sexólogos, esse tipo de análise pode distinguir. As pessoas estão intimamente relacionadas às atividades genitais e, portanto, estão intimamente relacionadas à escolha dos objetos sexuais, trazendo definições como preliminares, agradáveis e distorcidas (GOMES, 2018).

Mesmo já tendo uma descrição clara do manifesto das características sexuais ainda haviam muitas lacunas que deviam ser esclarecidas o que exigiu maior estudos do simbolismo da sexualidade, o que a sexualidade representava para o ser humano, remetendo a denominação de sensação sexual contrária, que apresenta uma suposta sensação sexual não contrária, assim como na teoria da inversão sexual, o que teorizava existir um desejo não invertido, o que novamente veio apresentando a sexualidade inversa ou a homossexualidade como um problema (patologia), esse conjunto inaugurou uma tradição secular na qual o anormal e o homossexual serão enigmas, enquanto que o normal e o heterossexual serão aceitos, todavia no fim do século XIX e início do século XX a medicina havia criado em definitivo a homossexualidade e o homossexual, um novo termo de heterossexualidade seria associado à perversão se não associado a atividade reprodutiva, como também ligado a vida erótica, para cobrir algumas lacunas a teoria de Sigmund Freud terá um papel fundamental no posicionamento, na propagação e na normalização do novo ideal heterossexual (KATZ, 2001).

Para compreender um pouco mais sobre o papel da psicanálise é necessário voltar o olhar para o desenvolvimento psicosssexual freudiano, que é apresentado em fases do desenvolvimento, que representa a maturação psicológica frente o desenvolvimento físico corporal, desta forma propiciando conhecer o desenvolvimento e origem do princípio do prazer que segundo Freud, o princípio do prazer é o que guia o Id. Isso quer dizer que o Id é sua força propulsora, sendo o princípio do prazer a força

motriz do Id, podemos concluir que ele tem como único objetivo satisfazer nossos impulsos primitivos. Esses podem ser o impulso da fome, o da raiva ou o sexual.

### **3.5. O Desenvolvimento Psicosexual Freudiano**

No livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – 1901-1905”, Freud (1996) apresenta suas ideias sobre a sexualidade infantil, mostrando suas particularidades e sua importância para a compreensão do desenvolvimento da sexualidade. Para Freud a sexualidade está presente desde o nascimento e passa por evoluções à medida que a criança vai se desenvolvendo, de modo tal que, ao final deste processo evolutivo, espera-se que o indivíduo se organize sob a primazia da zona erógena genital e esteja a serviço da reprodução.

Durante suas observações clínicas, Freud observou que nos pontos traumáticos expostos por seus pacientes existia algo retraído que possuía enraizamentos desde o berço, ou seja, para todas as situações observadas havia um determinismo psíquico, esta descoberta motivou Freud a analisar mais a fundo tais relatos como elemento fundamentais para sua investigação (JORGE, 2007).

Baseado em sua pesquisa, Freud observou que a personalidade era um constructo (pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes) podendo concluir que esta tinha sua origem ainda no princípio da vida e que caracteriza-se mediante os impulsos biológicos, às pulsões do id e bem como às exigências sociais, e o desenvolvimento psicosexual propriamente dito, da mesma maneira que os seus respectivos conflitos ocorrem durante o desenvolvimento de cada fase, à medida que o prazer sexual tende a se deslocar de uma zona erógena corporal para outra (CLONINGER, 1999).

A noção de fixação é geralmente compreendida no quadro de uma concepção genética que implica uma progressão ordenada da libido (fixação numa fase). Podemos considerá-la [...] como designando o modo de inscrição de certos conteúdos representativos (experiência, imagos, fantasmas) que persistem no inconsciente de forma inalterada a que a pulsão permanece ligada (LAPLACHE; PONTALIS, 1988, p. 251).

Desta forma, Brígido e Silva (2016) postulam que o pensamento psicanalítico demonstrado por Freud exhibe uma nova fundamentação ao tema da sexualidade, haja visto que, traz um reconhecimento notavelmente incomum a tudo quanto já se havia ajuizado a respeito da temática; desta maneira, o autor idealiza a sua concepção sob o

eixo da energia libidinal; esclarecendo que essa energia vital encontra-se diretamente interligada aos instintos e que frente ao ato concernente infunde um papel expressivo na disposição orgânica dos seres humanos, conduzindo-se tanto no ambiente interior quanto no exterior da vida do homem, desde o seu nascimento.

Neste sentido, Zornig (2008) evidencia que a visão observada, e inteiramente incoerente, do autor sobre o assunto surpreendeu, negativamente, a sociedade da época, pondo-a em estado de choque, visto que, até então, o modelo exemplar de normalidade sexual descrevia exclusivamente o ato na vida adulta e para os fins reprodutivos.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), a partir deste período entende-se que, simultaneamente ao nascimento do indivíduo tem início o processo das funções sexuais, objeto da energia libidinal, não apenas a partir da puberdade conforme asseguravam as ideias influentes antes de Freud; tal processo se mantém ativo durante toda a vida, e, frente a este contexto, origina-se os diferentes estágios de desenvolvimento da teoria psicanalítica aqui abordados, a saber: a fase oral, anal, fálica, latência e a genital.

### 3.5.1 Fase Oral

Trata-se da primeira fase do desenvolvimento, Freud (1937-1939) destaca que a pulsão da libido está fixada na zona oral onde a criança entra em contato com a mucosa bucal, Couto (2017) aponta que a criança se conecta com o meio à sua volta e o seio materno é apresentado como o primeiro objeto de pulsão sexual.

Por se tratar da primeira relação humana do bebê – biológico (nutrir-se) e psicológico (emoções) –, assim se mescla as atividades prazerosas e o contato dos lábios ao seio trás os conhecimentos satisfazendo o corpo. Zorning (2008) aponta que o bebê, com o passar do tempo se auto estimula com a sucção do polegar, o que vai além da satisfação biológica (amamentar), assim, segundo Freud (1905), a sexualidade se converge em um estado extintivo para um estado de perversão.

Para melhor compreensão, Karl (1927) separou a fase em dois estágios, sendo: a) o estágio oral ambivalente, ou pré-ambivalente; e b) estágio sádico oral, ou canibalesco, tendo esta por objetivo a incorporação que proporciona a identificação e organização da libido.

Na teoria de Melanie Klein (1952) foi apresentada a percepção do seio bom e o seio mau (clivagem anaclítica) e as fantasias voltadas à organização libidinal, apontado desta forma por Hall e Lindzey (1984), a organização sexual parte da fase oral ainda quando bebê.

Um ponto a se destacar, apontado por Freud (1856-1939), é que se o apetite de amamentar for frustrado durante o estágio oral, ou até mesmo em outros estágios do desenvolvimento, isso causaria uma fixação, a ansiedade persistiria na vida adulta como uma neurose ou distúrbio mental funcional, deste modo, marcando a importância do bebê em entrar em contato com o meio. Caso haja rupturas pode acarretar em sentimentos que poderão acompanhar o indivíduo ao longo de sua vida. Uma fixação oral se manifesta como um impulso, uma obsessão pela estimulação oral, contudo, o ato de desmamar cedo ou tarde demais pode acarretar uma fixação oral mal adaptada.

Em uma visão geral, a criança que foi negligenciada (mal amamentada) e a superprotegida (superalimentada) durante a fase oral podem ter dois efeitos baseados na fixação segundo as pesquisas de Karl Abraham (1927):

- A criança negligenciada pode vir a se tornar um adulto dependente (psicologicamente) que busca a estimulação oral ausente na infância, podendo ser manipulador para garantir sanar suas necessidades ao invés de amadurecer e se tornar independente;
- A criança superprotegida pode resistir ou temer o amadurecimento, depende de outras pessoas para garantir sanar seus desejos.

Subjetivamente, as fixações da fase oral podem manifestar-se no desenvolvimento do tabagismo, alcoolismo, obesidade mórbida, entre outros, como uma personalidade sádica, roer as unhas e/ou praticas sexuais abusivas.

### 3.5.2 Fase Anal

Surge com o abrandar da fase oral, aproximadamente no segundo ano de vida a energia libidinal que estava na boca passa para o ânus, desta maneira, o prazer que antes estava na extensão dos lábios agora passa para o controle dos esfíncteres, segundo Freud (1905), este estágio inicia o desenvolvimento das faculdades mentais da criança, destacando que nesta fase estabelece a descoberta da capacidade criativa e produtiva, ganhando autogerenciamento que pode potencializar a autonomia da criança através do controle das fezes.

É na fase anal que a criança percebe ser capaz de fazer sozinha algo que vem de si mesma, de seu próprio corpo, Freud aponta que a consciência torna-se fundamental para a formação de alguns traços, como a criatividade, a produtividade, a

compulsividade, entre outros. Inicialmente atribuindo grande valor aos dejetos, podendo ter dificuldade em se separar de seu objeto (FREUD, 1905).

Assim, é possível observar que algumas crianças gostam de observar suas fezes no vaso sanitário e se despedem no momento da descarga, poré algumas vezes a criança às oferecem de presente a seus pais, como forma de agradecimento por ter ensinado e incentivado a tal feito (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Desta forma, Zimerman (1999) destaca que para a criança existe um valor para o excremento, podendo ser uma troca entre a criança e o mundo a sua volta, o que retrata o protótipo de equivalência, mencionado por Freud em sua análise entre as fezes e o dinheiro, assim pode ser destacada a ênfase de Hall e Lindzey (1984) que retrata a importância de estimular e gratificar a criança diante do ato de evacuação.

As autoras acrescentam ainda que, os parâmetros educativos que norteiam a percepção da mãe, no que diz respeito a atividade purgativa, pode levar a resultados impactantes no desenvolvimento de alguns traços específicos na criança, com isso, quando a mãe utiliza um método muito severo com intolerâncias e punições frente ao fracasso, a criança pode reter suas fezes, esta feze pode deixar marcas que se mostrará na vida adulta com avareza e obstinação (HALL; LINDZEY, 1984).

Desta forma, as fixações são resultado de como os pais fazem o treinamento esfinteriano, o que pode moldar o desenvolvimento de duas personalidades distintas na vida adulta: anal expulsiva e anal retentiva, sendo ambas consequência de um treino rigoroso e sem recompensa, e oriundas da censura, do castigo e, por fim, do desencorajamento (HALL; CAMPBELL; LINDZEY, 2000). Zimerman (1999) aponta que no estagio expulsivo, o erotismo anal vincula-se a pratica de evacuar ligada a pulsão sádica que resume na aniquilação do objeto.

Dentro desta perspectiva, Hall e Lindzey (1984) apontam que são características da personificação de caráter expulsivo, a crueldade, as explosões e atos desordenados, para Caracushansky (1990), a rejeição ou expulsão hostil, na vida adulta pode representar que o individuo tenha alguma frustração na fase anal. Já o erotismo anal vinculado a retenção e a pulsão sádica e controle possessivo pode estar ligado ao estágio retentivo, assim a fixação neste estagio pode gerar um adulto com traços de colecionador, a autora destaca que esta manifestação pode ter relação com o sentimento de apego as fases, também pode surgir ideias sociais de organização metodismo e aversões.

No que diz respeito ao comportamento, Fadiman e Frager (1986) apontam dificuldades em trabalhos com características comportamentais das práticas da higiene típica da fase anal, afirmando que todo esse comportamento emerge de uma sobrecarga de censuras e proibições conectadas a outros setores da vida, remetendo ao que foi destacado por Caracuhansky (1990), o ato de descumprir o dever anal no período retentivo introduz na criança sentimento de culpa, assim o adulto fixado nesta fase tende a reviver os anseios, toda a emoção de descumprir os deveres, devido a primazia das obrigações morais possuir um cunho de natureza anal, trazendo assim um sentimento de dever, retrocedendo a sensação do aprendizado anal incorporando as afeições do dever.

### 3.5.3. Fase Fálica

Zimerman (1999) destaca que neste período surge a curiosidade sexual, a consciência da presença de um pênis, ou não, evidenciando a organização libidinal neste período marcado pelos constantes “por quê?” exigindo muita criatividade dos pais e educadores para sanar a angústia dos questionamentos, como podem ser notados os do pequeno Hans, citado por Freud, para ele foi fundamental para a formação um genuíno conhecimento abstrato.

É válido ressaltar que essa fase do desenvolvimento envolve um intervalo de tempo maior quando comparado às fases anteriores, visto que compreende do 3º ao 6º ano de vida da criança. Caracushansky (1990) destaca que o prazer sexual no menino ocorre através da secreção, uma vez que a zona erotizada é o pênis para onde se direciona a energia libidinal, já para as meninas a zona erógena primária é o clitóris, havendo uma frequência na lubrificação da vagina, Freud discursa sobre uma probabilidade de se tratar de uma volúpia clitoriana por ser um órgão análogo ao pênis, fato este que não anula a legitimidade do nome “fálico” referente a esta fase.

Conforme relatado por Aguiar et. al. (2015), o complexo de Édipo é um marco crucial desta fase, afirmando que tal fenômeno é estruturado com base nas práticas masturbatórias advindas de fantasias eróticas desenvolvidas pela criança, geralmente o objeto de excitação projeta-se em um dos pais, onde que o desejo do menino está voltado à figura materna enquanto que o da menina encontra-se canalizado para a figura paterna, frente a essa situação a criança tende a direcionar certo grau de hostilidade ao outro genitor com o intuito de retirar o protagonismo que lhe provoca uma competição.

Ainda segundo os mesmos autores, Freud reconheceu o complexo de Édipo como sendo uma de suas maiores conquistas no que tange o estudo da sexualidade,



relatando que a hostilidade direcionada a um dos pais devido aos sentimentos desenvolvidos pelo outro, assemelha-se aos elementos que constituem os impulsos psíquicos organizados neste período (FREUD, 1905).

#### 3.5.4. Fase de Latência

Este período distingue o ciclo da sexualidade infantil e o da sexualidade adulta, neste estágio do desenvolvimento ocorre a primazia da genitalidade; sendo este o início da preparação para a experiência de uma sexualidade desfragmentada. A fase da latência é caracterizada pela inatividade dos anseios edípicos e pelas possibilidades de novas construções e novos prazeres oriundas de uma apreciável aceitação de autoridade e autossuficiência, visto que, as suas mais variadas complexificações provem das novas experiências que ocorrem tanto no campo da intra quanto no da intersubjetividade (CAMPEZONATTO et al, 2011).

Neste estágio ocorre o período de suspensão das pulsões sexuais, onde a energia libidinal é deslocada para as atividades físicas e intelectuais e a energia vital se torna-se à disposição de um Superego objetivo. Nesta fase surgem duas características distintas: 1) a repressão da sexualidade infantil, e 2) a estruturação de um reforço das aquisições do ego; a combinação entre esses dois elementos resulta na transformação das pulsões sexuais, que passa a ser canalizada para o desenvolvimento moral, social e intelectual da criança. Podendo concluir, deste modo, que neste intermédio se regula a construção do caráter (DOLTO, 1980).

Freud (1915-1916) faz uma analogia comparativa entre esta repressão da energia sexual e diques; afirmando que ao decorrer desse período edificam-se potencialidades do psiquismo que, posteriormente, poderá irromper como impasses na passagem da pulsão sexual, atingindo o seu percurso.

Conforme apresentado por Campezonatto et. al. (2011), o desenvolvimento da criança nesta fase não poderá sofrer prejuízos por déficit de diques culturais, afirmando que caso isso possa vir a acontecer, o resultado poderá ser um avanço desfigurado em seu processo de maturação, vindo a lhe causar uma modificação nas funções do Ego e uma possível regressão às fases anteriores de fixação libidinal.

As consequências deste possível fato para a criança podem se traduzir em um possível desequilíbrio emocional além de algumas dificuldades para lidar com as exigências sociais e ambientais. (CAMPEZONATTO et al, 2011).

### 3.5.5. Fase Genital

No início da puberdade, aproximadamente após os 9 anos de idade, surge a última fase que se caracteriza pela consolidação da vida sexual adulta. Desta forma, a pulsão sexual que antes era advinda de múltiplas zonas erógenas, agora passa a se concentrar exclusivamente na zona genital e dirige-se a um objeto sexual: o pênis e a vagina do outro. (COUTO, 2017).

Freud (1905) diz que a partir desse estágio a pulsão sexual do indivíduo posiciona-se em favor da função reprodutiva, deste modo, ao relatar sobre esta etapa do desenvolvimento, Hall e Lindzey (1984) afirmam é nesta fase que a pessoa desperta o interesse para as atividades grupais, sexuais, profissão, socialização, casamento e, por fim, a constituição familiar. Nesse sentido, o indivíduo substitui o seu perfil de criança narcisista por traços de uma pessoa adulta, devidamente socializada e instruída para a vida civilizada.

Embora Freud tenha elaborado distinções entre as fases do desenvolvimento da personalidade, não foi possível estabelecer uma precisão concreta de clivagens na transição de um estágio para outro. Assim, é possível afirmar que a organização final da personalidade é fruto da contribuição dos estágios. (HALL; LINDZEY, 1984).

Para Freud, a personalidade é construída através dos conflitos inconscientes da infância entre os impulsos inatos do id e as exigências da sociedade, conflitos esses que ocorrem em uma sequência invariável de cinco fases do desenvolvimento psicosssexual, baseadas na maturação, as quais o foco principal é observar o deslocamento das zonas de prazer, partindo da boca para o ânus e em seguida para os genitais, em cada fase o comportamento, que gera principal fonte de satisfação ou frustrações, parte da alimentação para a evacuação e posteriormente as atividades sexuais (PAPALIA, 2013)

Desta forma, para Freud, se a criança receber muita ou pouca gratificação em qualquer uma destas fases a criança pode desenvolver uma determinada fixação, que seria uma interrupção no desenvolvimento que pode ser espelhada na personalidade adulta, no caso podemos compara casos de bebês que não tiveram suas necessidades atendidas na fase oral pode apresentar características na vida adultas, como roer as unhas fumar ou desenvolver uma personalidade agressivamente crítica, também temos como comparar o caso de crianças na primeira infância que tiveram uma educação muito rígida na limpeza e higienização podem gerar personalidades mais rígidas, ligadas ao horários ou a uma determinada rotina, podendo desenvolver obsessão por limpeza ou um extremo desleixe em sua higiene, por se fixar na fase anal, onde sua fonte de prazer

está diretamente relacionada ao movimento intestinal, o que também pode trazer sentimento de impotência ou incapacidade e ou fragilidade extrema, sentimentos de dependência, (PAPALIA, 2013).

### **3.6 Personalidade**

Para compreender a personalidade é necessário entender sua construção, bases, facetas e características; como pode ser entendida a personalidade? É entendido pelo conjunto de características de comportamento, cognição e padrões emocional que evoluem a partir de fatores biológicos e ambientais (CORR; MATTHEWS, 2009)

Hall, Campbell e Lindzey (2000) definem dois usos para a personalidade de um indivíduo: uma avaliação da eficácia das tentativas do indivíduo de estimular respostas positivas de várias pessoas em diferentes situações e inclui a impressão mais destacada ou proeminente do indivíduo refletido no ambiente social. Ao descrever a personalidade de uma pessoa, os psicólogos usam os conceitos de estrutura e processo. A estrutura é uma combinação mais ou menos estável de diagramas de sistema, enquanto o processo envolve as funções desempenhadas pelos diagramas, seu papel e como eles funcionam e se alteram. (Hall; Campbell; Lindzey, 2000).

Estrutura e processos mentais são reconstruções que não podem ser observadas diretamente, mas tentam revelá-las inferindo seu status e comportamento (Lazarus, 1990). Portanto, a pesquisa mais abrangente sobre personalidade e comportamento inclui três níveis diferentes de aprendizado, desde os aspectos mais íntimos e profundos da personalidade, até o nível de contato com o mundo e alcançando fatores externos pessoais. Ângulos diferentes, cada ângulo pode explicar mais detalhadamente os aspectos importantes do comportamento humano, (Bergamini, 2005).

Jung (1921) provou que as pessoas têm diferentes características comportamentais, habilidades, talentos, atitudes e motivações, características de tipos psicológicos. A maneira preferida de responder ao mundo, entre outros fatores, também depende da herança genética do indivíduo, influência familiar e experiência ao longo da vida. Ele distingue duas atitudes: uma tende a focar nos fatos e no mundo externo da pessoa (extrovertida) e/ou no mundo interno da representação e da impressão psicológica (introvertida).

As origens do comportamento humano (seu comportamento observável) e a experiência subjetiva (pensamentos, sentimentos e desejos) são duas: estímulos externos que o afetam e tendências internas decorrentes do comportamento mútuo, por um lado,

são características da influência mútua. A fisiologia, por outro lado, herdou a experiência do mundo, ou seja, a forma de interpretar o mundo (Lazarus, 1990). Deve-se notar que, no relacionamento com os outros, o indivíduo impõe sua própria personalidade e, dependendo do uso, pode ser levado a uma situação positiva ou negativa.

Observando comportamentos externos, podemos inferir o que está acontecendo dentro das pessoas: as pessoas só podem atuar fazendo alguém enfrentar uma situação em que precisam adotar um potencial específico, de modo a avaliar o potencial intelectual de alguém, como um teste de inteligência. Da mesma forma, se uma pessoa é enérgica em uma determinada situação, só é possível tirar conclusões a partir de características emocionais (Bergamini, 2005). Portanto, a personalidade é uma inferência ou um conjunto de inferências sobre uma pessoa derivada da observação direta do comportamento de uma pessoa (Lazarus, 1990).

Segundo Bergamini (2005), a personalidade tem a função de descrever e determinar as características externas e internas de um indivíduo, ou seja, o que cada pessoa é e o que cada pessoa exhibe. A personalidade é externalizada como o comportamento real de um indivíduo que ele reconhece e entende, e sua transformação do que ele quer ou deve fazer. É realizado com base no conhecimento interno e externo do ambiente de interação pessoal. A personalidade afeta tarefas e interações interpessoais e, finalmente, afeta o desempenho da equipe. A personalidade não afeta apenas a participação na interação social, mas também afeta os traços de personalidade e o modelo de interpretação da interação social nos relacionamentos existentes (Virga; et al., 2014).

De acordo com Barcaui et al. (2004) Jung distingue entre aqueles que, rápida e confiantemente, se propõem a conhecer o mundo daqueles que hesitam, se retiram, como se por medo ou por uma tarefa difícil. São extroversão e introversão, que consiste na maneira de processar o movimento da energia mental (libido) em relação ao objeto. A teoria de Jung adota em seus critérios de pesquisa que visam direcionar duas atitudes, a introvertida, na qual existe uma função de retração, e a extrovertida, na qual existe uma prontidão para responder ao objeto (PERRONE, 2008). Segundo Morales (2004), na descrição geral dos tipos psicológicos, Jung define duas atitudes básicas: introversão e extroversão, nas quais a atitude é um caminho de energia mental no qual uma pessoa prefere focar sua atenção. Extrovertidos estão interessados no mundo exterior, pessoas, fatos e objetos. Eles experimentaram o mundo antes de conhecê-lo, e seu melhor modo

de expressão são as palavras. Os introvertidos procuram entender o mundo antes de tentar, o que os faz hesitar sobre a vida.

O inconsciente tende a compensar a atitude consciente, razão pela qual a libido circula em um sistema autorregulado, o que causa um movimento inconsciente de introversão em uma pessoa com uma personalidade extrovertida e um movimento de extroversão em uma pessoa com uma personalidade introvertida (LENZI, 2008). Jung percebeu que, além de ter duas disposições psíquicas (extroversão e introversão), a psique também tem quatro funções psicológicas: experiência e intuição (funções de percepção ou irracionais) e pensamento e sentimento (funções de avaliação ou racionalidade), que também são individuais por sua subjetividade. e realidade objetiva (RAMOS, 2005).

Segundo Ragozzino e Kelly (2009), a relação entre cuidado, introversão e sentimento é estabelecida. Talvez os introvertidos, como postulado por Jung (1921), se concentrem mais em seus mundos interiores e, assim, lidem com questões relevantes para si mesmos. Pessoas com níveis mais altos de humor tendem a basear seu julgamento em valores subjetivos e pessoais e a identificar o significado emocional de eventos e objetos individualizados. Estruturas e processos psicológicos são constituições que não podem ser observadas diretamente, mas que foram tentadas a identificar inferindo suas condições e efeitos (LAZARUS, 1990).

Segundo Ferraz (2010), temos um círculo vicioso e um círculo virtuoso. A diferença é que, depois que os pensamentos produzem emoções, essas emoções produzem comportamentos (comportamentos). No círculo vicioso, eles produzem pensamentos reforçados que nos fazem cair em um círculo do mal, apesar da bondade, produziu um pensamento fortalecido, que forneceu uma força motivadora para um círculo positivo. A vida dessa pessoa não começa com um quadro branco, pois está vazio e aparece na parte externa de cada quadro. Por outro lado, nos recém-nascidos, existem personalidades únicas e únicas, com suas próprias formas definidas de satisfazer e lidar com a experiência. A teoria dos tipos psicológicos de Jung confirma essa visão.

A introversão e extroversão como apresentada pelo autor são duas maneiras de interpretar o que se é apresentado, a introversão é a principal referência à reação e ao valor intrínseco, e a extroversão é a compreensão do mundo podendo também denotar como a compreensão do extrínseco. Essas atitudes e funções internas podem ser suprimidas e distorcidas em resposta às pressões culturais e ambientais, mas o resultado

é que a verdadeira natureza do indivíduo se desenvolve e floresce em menor grau, assumindo um certo potencial desde o nascimento, a verdadeira natureza é um fator (EISENDRATH; DAWSON, 2002).

Andrade (2011) aponta que, segundo a teoria dos tipos psicológicos de Jung, a função das sensações está relacionada ao mundo da matéria, o que indica a existência específica de algo. As funções intuição, pensamento e sentimento estão relacionadas a "insights" e à antecipação de possibilidades ainda ocultas, conceituando o que é algo e valorizando e julgando de acordo. Uma impressão é disponibilizada no presente; a intuição acelera o futuro do indivíduo. A função da sensação é uma função irracional e não necessariamente consciente ou inconsciente. A impressão faz parte de um eixo de dois pontos: se temos intuição em uma extremidade, experimentamos sensação na outra. Portanto, o fim consciente da intuição implica a experiência inconsciente no mesmo grau. Você pode aprender de dentro conhecendo-se intuitivamente. Intuição não significa algo contrário à razão, mas algo além do escopo da razão (SHELTON, 1997).

Uma das características dessas funções é que elas formam um par de opostos que se compensam, sendo funções perceptivas (sentimento e intuição) e avaliando funções (sentimento e pensamento) (SILVEIRA, 2006). Barcaui et al. (2004) agrupam os seguintes tipos psicológicos: pensamento extrovertido; sentimento extrovertido; sentimento extrovertido; intuição extrovertida; pensamento introvertido; sentimento introvertido; sensação introvertida e intuição introvertida. A individualização é um dos principais conceitos da teoria da tipificação da personalidade e diz respeito a um processo amplo e complexo que responde à necessidade natural de desenvolvimento humano, complementação e contato com aspectos menos desenvolvidos de sua personalidade. O objetivo do desenvolvimento seria então a integração de funções, ou seja, o processo de combinar o que divide. A individualização é um processo de transformação (JUNG, 1921).

Myers (2013) apontou que uma das implicações da definição de normalidade de Jung é a relação entre o espectro coletivo individual e o aprimoramento da consciência. O aumento da consciência do inconsciente do indivíduo tem mais efeitos sobre o coletivo, e o aumento da consciência do inconsciente coletivo tem mais efeitos sobre o indivíduo. Além disso, o primeiro tipo de consciência tende a levar naturalmente a este último, porque os dois tipos de conteúdo são insolúveis e, portanto, são misturados. Isso requer uma cultura que valorize todas as partes do indivíduo para o coletivo, incentive os indivíduos a encontrar sua localização natural e permita que eles continuem a se

desenvolver, evitando os problemas de excesso de unilateralidade, inconsciência e risco pessoal.

São nossas experiências e pensamentos que reconfiguram os circuitos do nosso cérebro e, portanto, permitem certas adaptações, mesmo limitadas, que variam de pessoa para pessoa, por exemplo, no caso de esforço, uma pessoa pode mudar de emprego atual, mas, por exemplo, no caso de introversão. Sendo parte da personalidade, é improvável que um adulto introvertido, quieto e tímido se torne uma pessoa extrovertida e comunicativa (FERRAZ, 2010). Segundo Shelton (1997), somos repetitivos, vemos o mundo como sempre o vimos, com nossas crenças fortalecendo nossas percepções e nossas percepções reforçando nossas crenças, criando assim um círculo vicioso que pode ser quebrado quando aceitamos que através de nosso cérebro somos coautores quando fazemos nossas escolhas. Nossa percepção da organização sempre será diferente da dos outros.

Desta forma, apontando que a personalidade se molda a partir da maneira que a criança interpreta o meio, desconectando da forma à qual a mesma é instruída, e sim como ela identifica a experiência espontânea do ambiente, que se estende da infância até a vida adulta, como apontado na teoria de socialização de grupo (HARRIS, 1995).

Segundo Harris (1995), a criança, ao invés da figura dos pais ou como estes se apresentam ao filho, busca influencia primária da personalidade e do comportamento da vida adulta, assim exaltando os processos inter e intragrupais, e não as relações dialéticas de pais e filhos.

Em uma breve releitura, a teoria da mudança da personalidade de Tetsuya Kawamoto a ponta as facetas que regem a personalidade, auxiliam na obtenção e na interpretação de pequenas experiências vividas, sendo essa a que realmente compõe a personalidade, com citado pela autora, o ambiente então, é uma base para a personalidade, assim proporcionando a sua apresentação (KAWAMOTO, 2016).

Quando um indivíduo estabelece um relacionamento e interage com outros, ele pode usar as funções de sentimento, pensamento, experiência e intuição, de maneira extrovertida ou introvertida. Desenvolver essas quatro funções e alcançar um equilíbrio é o objetivo ideal, mas na maioria das vezes, usamos uma delas como a principal função.

### 3.7. Identidade de Gênero

De acordo com Grossi (1998), o conceito de gênero foi proposto por pesquisadores americanos, que começaram a usar a categoria "gênero" para falar sobre a "origem social exclusiva das identidades subjetivas de homens e mulheres". A ênfase na "origem social da identidade subjetiva" não é infundada. De fato, embora existam inúmeras regras sociais baseadas nos chamados métodos biológicos de determinação de gênero usados nos exemplos mais comuns, como "mulheres não conseguem levantar pesos" ou "homens não conseguem cuidar de crianças".

Como mostra a antropologia feminista, essa explicação da ordem natural nada mais é do que uma formulação ideológica que serve para justificar o comportamento social de homens e mulheres em uma determinada sociedade. No caso das sociedades ocidentais, a biologia é uma explicação de grande significado ideológico, porque aprendemos que é ciência e, portanto, tem valor real. Jane Flax, uma das teóricas feministas pós-modernas, ensina que a ciência surge no Ocidente com o Iluminismo. A ciência como a conhecemos parece oferecer explicações "neutras" e "objetivas" das relações sociais. No entanto, o aprendizado que aprendemos desde a escola reflete os valores que foram construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, que refletem apenas alguns dos elementos sociais: os valores de homens, brancos e heterossexuais (GROSSI, 1998).

Ainda segundo a mesma autora, culturalmente, é de costume ensinar que a expressão Homem (com "H" maiúsculo) é uma referência a toda a humanidade, e não somente ao gênero masculino. No entanto, estudos de gênero mostraram que, do ponto de vista masculino, a ciência geralmente está apenas falando sobre parte da humanidade, e que poucas mulheres cientistas são reconhecidas da mesma forma que os homens.

O conceito de gênero é combinado com o conceito de sexo no Ocidente, o que causou grandes dificuldades no senso comum, refletido na atenção da teoria feminista, que é separar a identidade de gênero e as questões sexuais, caracterizada por gênero, e a escolha do objeto de desejo. Para que seja possível ilustrar melhor alguns pontos de vista sobre questões de gênero, se faz necessário refletir sobre as diferenças de gênero apresentadas por Françoise Héritier (1996), haja visto que o autor aponta, em seus relatos, que o gênero é baseado na relação entre o homem e a mulher, relatando que não existem indivíduos isolados, independentes de regras e representantes sociais.

Joan Scott (1988) afirma que o gênero é uma categoria historicamente determinada, não apenas com base nas diferenças de gênero, mas, uma espécie de ajuda



para "entender" esses tipos de diferença. Em geral, gênero é um termo usado para pensar em relações sociais envolvendo homens e mulheres, essa relação é historicamente determinada por diferentes discursos sociais sobre diferenças de gênero.

Portanto, o gênero é usado para definir tudo o que é determinado pela sociedade, cultura e história, entretanto, ninguém existe socialmente desde o nascimento, por este motivo sempre se é falado sobre gênero, inconscientemente ocorrem diferentes formas de ação em relação ao gênero das pessoas durante uma determinada interação. Gênero refere-se à maneira de se identificar e de ser identificado como homem ou mulher. A orientação sexual refere-se à atração sexual de pessoas de um determinado gênero. Uma dimensão não depende de outra dimensão e não existe um padrão de orientação sexual dependente de gênero; portanto, nem todos os homens e mulheres são heterossexuais "nascidos" (JESUS, 2012).

Gênero refere-se à pessoa que é compatível com a materialidade de seu corpo, isto é, com os órgãos genitais. Mais especificamente: um homem que tem um pênis e uma mulher que tem uma vagina desde o nascimento. Pessoas que possuem identidade de gênero são aquelas que possuem um corpo específico que, de acordo com a lógica da heteronormatividade, não segue uma linha consistente entre o órgão genital (pênis ou vagina) e o gênero (masculino ou feminino). Desta forma, transexuais e travestis possuem identidade de gênero, enquanto que heterossexuais, gays masculinizados e lésbicas possuem gênero (COLLING, 2013).

Seguindo esta linha de raciocínio, é possível considerar que o sexo se trata de um termo biológico enquanto que o gênero é social, construído por diferentes culturas, e o gênero de uma pessoa está além de seu genital. A definição do que significa ser homem ou mulher não está baseada apenas nos cromossomos de um indivíduo ou em sua genitália, mas na autoestima, na autoimagem e a forma que as pessoas se expressam socialmente (JESUS, 2012).

Sexo, biologia, natureza e órgãos sexuais são entendidos aqui como a essência do corpo e não podem determinar o sexo das pessoas. Várias pessoas nascem com certas características físicas e não concordam com os requisitos de gênero da sociedade para o corpo. Portanto, não há garantia de que a pessoa, cujos genitais são considerados masculinos ou femininos, seja a pessoa que conhece o gênero mais compatível com o órgão e seu corpo (COLLING, 2013).

Assim como qualquer outro, as pessoas trans podem ser bissexuais, heterossexuais ou homossexuais, dependendo do gênero que adotam e do gênero pelo

qual são atraídos emocionalmente. Para uma melhor compreensão, pode-se citar, por exemplo, um casal constituído por uma mulher transexual que se relaciona com um homem hetero. O mesmo vale para homens trans que são atraídos por homens. As mulheres trans que são atraídas por outras mulheres são gays, assim como os homens trans que também são atraídos por outros homens. Ressaltando, ainda, que, em cada uma dessas situações, o indivíduo pode se identificar como bissexual, quando sente atração por ambos os sexos. Nem todas as pessoas trans são gays (Jesus, 2012).

Vale ressaltar que, no que diz respeito ao gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados e todas as categorias têm limitações comuns, como transgênero ou cisgênero. Cisgênero, ou cis [sic], refere-se a pessoas que se identificam ao sexo de nascimento, enquanto que as transgênero, ou trans [sic], são aquelas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento (JESUS, 2012). Pessoas transexuais incluem todas as pessoas que questionam a eficácia da dicotomia de sexo e gênero por sua existência e podem, ou não, ser adeptos da cirurgia de redesignação de sexo (PETRY; MEYER, 2011).

Dado o nome biomédico, pessoas trans serão aquelas que pensam que são afetadas por uma doença que envolva sua identidade de gênero, o que significa que, usando linguagem de diagnóstico, elas não podem se identificar no corpo com que vivem. Essa falta de identidade pode levar a uma forte aversão ao seu gênero biológico (PETRY; MEYER, 2011).

De acordo com os conceitos sociais estabelecidos para as pessoas, do ponto de vista da certeza, as pessoas têm duas possibilidades de conduzir a anatomia sexual humana, a saber: feminino ou masculino. O objetivo da reprodução heterossexual é regular a sexualidade humana, o estilo de vida e o desejo sexual (PETRY; MEYER, 2011).

As pessoas trans ainda são entendidas como doença mental pelo discurso da biomedicina e, nesse sentido, a cirurgia sexualmente responsável é entendida como a correção necessária da doença, cujo objetivo é adaptar o corpo à mente do indivíduo. Além de garantir que medidas práticas sejam tomadas para garantir atendimento médico a essa população. Todo cidadão tem o direito inalienável, universal e igualitário aos padrões de saúde e bem-estar (PETRY; MEYER, 2011; COLLING, 2013).

A transexualidade é, portanto, uma questão de identidade, não é uma doença mental, debilitante ou contagiosa, nem é uma perversão sexual, não diz respeito à orientação sexual, como geralmente se acredita, não é uma escolha ou um capricho. A

novidade que o século XX trouxe às pessoas transexuais foi o progresso médico que lhes permitiu obter fisiologia quase idêntica à fisiologia de mulheres e homens cis (JESUS, 2012). No caso de pessoas diagnosticadas e descritas no discurso médico como transexuais, como tendo disforia sexual, a operação de transgenitalização se torna uma necessidade, se assim o desejarem. Desse modo, surge um paradoxo contemporâneo: o mesmo processo que rompeu com as representações seculares do corpo natural restaura essa normalidade. Desse modo, a sexualidade se repete com o corpo, que constitui sexo e gênero legítimos, normal e identidades socialmente adequadas (PETRY; MEYER, 2011).

No Brasil, em 1997, o conselho federal de medicina criou a resolução 1.482 regularizando a intervenção cirúrgica para redesignação sexual, porém apresentando alguns critérios a serem cumpridos, como por exemplo: o acompanhamento por psicólogo e assistente social; ter a idade mínima de 21 anos; o diagnóstico médico; permanência de vontade de mudar de sexo por no mínimo 2 anos. Quanto ao critério do diagnóstico, ainda existem pessoas que desejam a cirurgia, mas não necessariamente sentem aversão aos órgãos genitais, ou se quer seja homossexual (MACHADO, et. al., 2018).

Muitas pessoas trans estão satisfeitas com apenas remover ou colocar os seios e tomar hormônios para ter ou não pelos no corpo, mas eles querem viver com os órgãos genitais, mesmo que muitas vezes estejam insatisfeitos com eles. Essas pessoas são excluídas dessas políticas porque não atendem às características de serem pessoas transexuais reais. Esse discurso foi incorporado pelo movimento transgênero em nome do direito de se submeter ao processo transgênero pelo SUS (COLLING, 2013).

Indivíduos denominados pessoas trans, por discurso biomédico, pertencem a uma das muitas categorias no espectro transgênero que não estão em conformidade com os regulamentos sociais e são classificados como gêneros biológicos, algumas pessoas pensam que pessoas transexuais são uma categoria diferente de travestis. Existem pessoas que não se identificam com nenhum gênero e não há consenso sobre como nomeá-las, algumas pessoas usam o termo “queer”, enquanto outras repetem o termo trans (PETRY; MEYER, 2011; JESUS, 2012).

Portanto, para cada componente do trans espectral, sua diversidade é essencial, valendo ressaltar que existe uma importante diferença entre o transexual, intersexual, crossdresser, travesti e transformista ou dragqueen ou dragking. O termo trans funciona

como um conceito de "guarda-chuva", cobrindo diferentes grupos de pessoas que discordam de si mesmas em graus variados (JESUS, 2012).

Como já mencionado, a transexualidade refere-se à pessoa que se sente pertencente ao gênero oposto, já a pessoa intersexual é aquela que possui certa desarmonia entre o sexo genético, gonadal e fenotípico, causando uma ambiguidade biológica, apresentando características sexuais tanto femininas como masculinas (MACHADO, et. al., 2018).

O *crossdresser* se identifica como pessoa que se veste e usam acessórios do sexo oposto, mas não se identificam como travestis ou transexuais. Por outro lado, as travestis experimentam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem apenas como homens ou mulheres, se entendem como membros do terceiro ou não-gênero. Por fim, os Transformistas e *dragqueen* ou *dragking* são artistas que se vestem de acordo com estereótipos de gênero para fins artísticos ou de entretenimento, sem haver qualquer influência direto de sua identidade de gênero ou orientação sexual (Jesus, 2012).

Frente a estas análises, Petry e Meyer (2011) relatam sobre o grupo denominado pelo discurso biomédico como transexuais, isto é, indivíduos que rompem com o que a norma heterossexual lhes atribui e buscam na cirurgia de redesignação sexual e na busca de adaptação à norma heterossexual, redesenhar seus corpos e comportamentos.

### **3.8 Sexo e Gênero**

Ao se referir a sexo, o termo está intimamente ligado a três noções básicas, que são: o sexo biológico, sexo cultural e o ato sexual propriamente dito, os três estão interligados as características fenotípicas do corpo humano isso biologicamente falando, mas quando voltamos nosso olhar para o sentido psicológico da formação da identidade de um determinado sujeito, estamos falando de algo um pouco mais delicado e complexo.

O gênero é algo autêntico de cada indivíduo, é um constructo vindo da personalidade, fixado em suas experiências passadas e se molda após a maturação da identidade sexual, estando intimamente relacionado entre a concordância dos papéis sociais aplicados ao homem e à mulher ou a discordância do mesmo, da mesma forma com o próprio corpo, não havendo uma natureza 100% explícita quanto à discordância de seu sexo biológico, não podendo descartar as experiências vivenciadas (frustrações, traumas entre outros) como já citado anteriormente o ser humano herda a capacidade de

compreender o mundo a sua volta, e se fixa no que se tem de exemplo e não apenas no que se é ensinado, destacando que o seus genitores serão seus principais exemplos, e principal fonte de experiência que contribuirá para o amadurecimento.

Para compreender melhor, o quadro abaixo apresenta uma reflexão objetiva e sucinta do que foi levantado pelos autores, a compreensão da sexualidade dividindo-o do papel do sexo e gênero, destacando que gênero não é binário, mas sim uma maneira de se identificar no mundo, lembrando que o quadro não é capaz de definir todas as possibilidades que a sexualidade humana oferece.

**Quadro 2 – Entendendo as diferenças**

<b>Papel ou expressão de gênero</b>	É o padrão de comportamento do indivíduo na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Masculino</b></li> <li>• <b>Feminino</b></li> <li>• <b>Andrógeno</b></li> </ul>
<b>Identidade de gênero</b>	É como a pessoa se reconhece: mulher, homem ou nenhum destes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Cisgênero:</b> quando a identidade corresponde ao sexo biológico</li> <li>• <b>Transgênero:</b> quando a identidade não corresponde ao sexo biológico (transexuais)</li> </ul>
<b>Orientação sexual</b>	Se refere à sexualidade da pessoa e a quem ela sente atração afetivo-sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Heterossexual</b></li> <li>• <b>Homossexual</b></li> <li>• <b>Bissexual</b></li> </ul>
<b>Sexo Biológico</b>	Classificação segundo a genitália (pênis ou vagina), cromossomos (XX ou XY) e Hormônios (testosterona ou progesterona)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Homem</b></li> <li>• <b>Mulher</b></li> <li>• <b>Intersexual</b> (hermafrodita)</li> </ul>

Fonte: Própria (2020).

A sexualidade humana segundo Wolff (2015), é composta pelo prazer, desejo, pratica e afeto, um autogerenciamento interno e externo, apontando que a rigidez com que é lidado a sexualidade humana cada vez mais vem trazendo conflito na compreensão deste desenvolvimento, o sexo em suas três esferas (biológico, cultural e ato sexual) acaba sendo o principal pilar da construção de um sujeito social. E a identidade pessoais, o dito de heteronormatividade a dominação do homem sobre a mulher, são conceitos que vem sendo descartados inclusive por pessoas heterossexuais, quando não se sujeitam ao padrão cultural estabelecido, o sexo e a identidade de gênero

pode até moldar um sujeito na sociedade, porém não existe limites para o seu desenvolvimento na sociedade.

Pretende-se, dessa maneira, restituir o debate sobre identidade de gênero no campo do social, pois é nele que se confeccionam e se criam as relações (desiguais) entre os sujeitos. Os argumentos para as desigualdades precisariam ser buscados não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. Definir o caráter "fundamentalmente social", não se têm a intenção de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, mas para realçar a construção social e histórica, produzida sobre as características biológicas (LOURO, 1997).

Entende-se que, “é uma estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 69).

A definição passa a ser usada, então, com um forte apelo relacional, já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Percebe-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de cada uma, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que o formam (LOURO, 1997).

Butler (2003) ressalta a importância de uma nova política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. Esse objetivo, que está ligado às questões de gênero, também têm uma conexão com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade.

Jeffrey Weeks (1993) afirma sistematicamente que a sexualidade corresponde às expressões e concepções, juntamente com o corpo. Logo é possível considerar que a sexualidade é moldada com a subjetividade do sujeito e com a sociedade, assim que ambas possuem em seu núcleo o corpo e as potencialidades. Nas quais, segundo Foucault (1977), diz respeito do dispositivo sexual, que está associado a análise sobre a ‘sociedade disciplinar’, ou seja, traços dos delineamentos modernos de regulação social, isto é, uma sociedade de vigilância e controle. É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (sexuais, de gênero, raça, nacionalidade,

classe etc.). Porém, por serem constructos instáveis são suscetíveis à transformação (BRITZMAN,1996).

### **3.9. Concepções Psicanalítica Sobre a Diversidade de Gênero**

Freud traz que os homossexuais seriam invertidos, termo que até nos dias atuais soa forte, talvez esse fato e também o de ele conceber o desejo entre indivíduos do mesmo sexo como perversão, tenham gerado tanta repulsa em algumas pessoas em relação ao pai da psicanálise, mas o mesmo nunca trouxe a homossexualidade sob uma perspectiva de patologia como se acontecia na época, muito pelo contrário o mesmo se empenhou em entender como a mesma se dava, sua origem (VIEIRA, 2009).

Em uma carta sua, enviada em 1935, a uma mãe americana isso fica claro, como é descrito por Carvalho (2017):

A homossexualidade não é uma vantagem, evidentemente, mas nada há nela que se deva ter vergonha: não é um vício e nem um aviltamento, nem se pode classificá-la como doença. Nós a consideramos uma variação da função sexual provocada por uma suspensão do desenvolvimento sexual. Diversos indivíduos sumamente respeitáveis, nos tempos antigos e modernos, foram homossexuais, e dentre eles encontramos alguns dos maiores de nossos grandes homens (Platão, Leonardo da Vinci, etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime, além de ser uma crueldade. (CARVALHO, 2017, p. 155)

Em momento algum a homossexualidade foi entendida como um problema, na realidade a mesma foi tratada como uma variação, um caminho diferente do usual, e afim de provar isso Freud estudou e discutiu a respeito, explicando de que maneira a homossexualidade tomava forma, a partir de quais eventos surgia. Para ele, no período após a latência, logo quando se instaura a fase genital em que a criança deve eleger seu objeto sexual, o mesmo apresenta sentimentos de decepção em relação ao pai e em contrapartida tem uma fixação na figura da mãe, no caso logo após o complexo de Édipo em vez do menino passar a se identificar com a figura paterna, mantém laços fortes em relação a mãe, só que com uma dinâmica diferente, em vez de ser seu amante inconsciente agora passa a se transformar nela (CARVALHO, 2017).

Segundo o mesmo autor, a homossexualidade assim compõe o cenário das perversões, sendo concebida como qualquer uma das várias outras. Freud traz que na dinâmica objeto/meta o que tomaria o desvio seria o objeto, já que o indivíduo em questão desejaria ter relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo.

Outro ponto de grande relevância é que para Freud todas as pessoas são bissexuais, apresentando em maior ou menor grau desejo por indivíduos do mesmo sexo, apenas o que acontece é que homens reprimem seu lado feminino e mulheres seu lado masculino, e já os homossexuais deixam esse outro lado tomar vazão, isso vai depender de que forma aconteceu a repressão (PEREIRA, MARQUES, SPERONI, 2012).



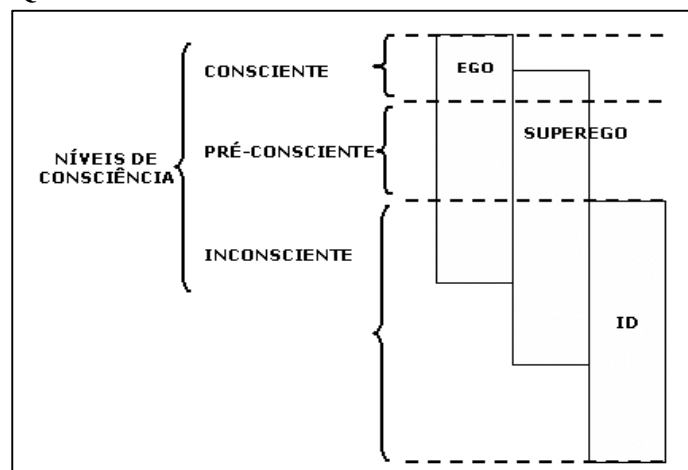
## DISCUSSÃO

Em uma compreensão geral a respeito do tema abordado, é possível avaliar que, no Brasil, a psicologia é relativamente nova como profissão, segundo Pereira Neto (2003) somente no ano de 1970 a psicologia foi regulamentada como e teve suas atribuições reconhecidas. Todavia é importante destacar que a psicanálise surgiu muito antes, inclusive no Brasil, ainda sob ordem dos médicos psiquiatras, sendo uma base teórica sólida e muito estruturada, como apresentada por Salim (2010), que relata a fundação da Associação Brasileira de Psicanálise em 24 de outubro de 1927.

Salim e Pereira Neto apontam o uso da psicanálise nos estudos realizados dentro dos hospitais psiquiátricos (hospícios) da época, valendo destacar a contribuição para estudos sobre a sexualidade, uma vez que qualquer ato sexual considerado como anormal para os padrões da época, era tido por doença da mente e muitas vezes as pessoas eram internadas nestes hospitais.

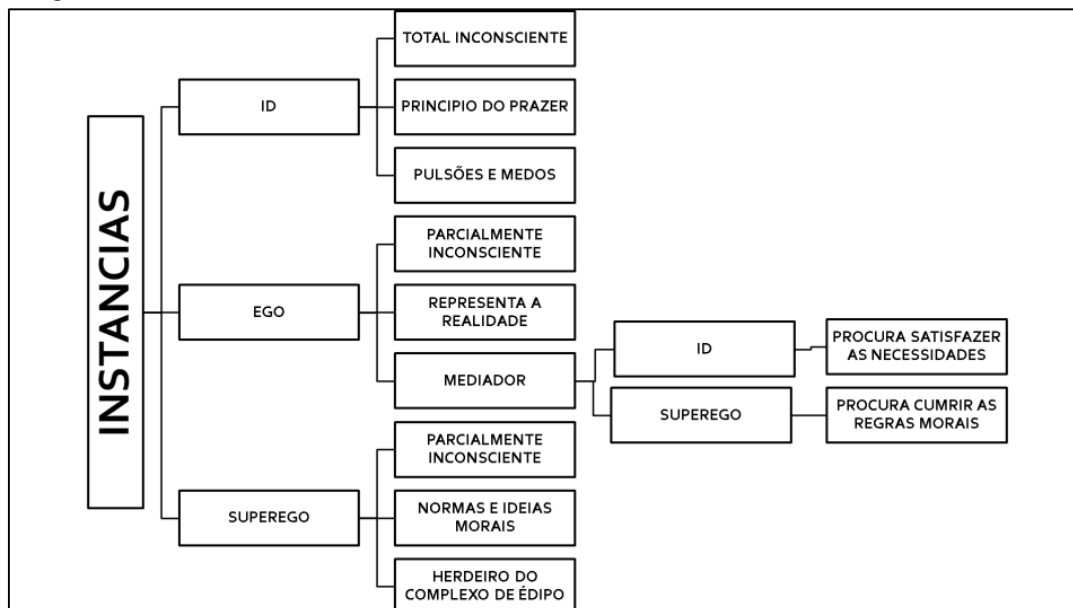
Para que possa ser possível compreender um pouco mais sobre a psicanálise, é necessário entender como a mesma surgiu, Piovesan (2018) norteia para a base psicanalítica falando sobre o pai da psicanálise, Sigmund Freud, médico vienense que se dedicou a entender a psiqué humana, e apresentou a matriz da psicanálise, o inconsciente. Schultz (2015) aponta que no curso de sua pesquisa, ao tentar entender o aparelho psíquico, Freud apresentou três dimensões da mente, o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, apontando também a hipótese de três outras instâncias, o Id, o Ego e o Superego, com o que pode ser observado nos quadros 03 e 04.

**Quadro 3 – As dimensões da mente**



Fonte: Própria (2020)

Quadro 4 – As instancias da mente



Fonte: Própria (2020)

Desta forma tornou-se possível entender a construção do aparelho psíquico, o qual é de grande relevância para compreender o desenvolvimento psicosssexual, que Freud contribuiu ricamente com a teoria do desenvolvimento psicosssexual, sendo esta a base central da pesquisa.

A pesquisa se fundamentou também em Gomes (2018), que para solucionar a problemática apresentada, descreve o enredo histórico da sexualidade, antes de inferir o desenvolvimento psicosssexual de Freud, pois é importante analisar como surgiu o estudo sobre a sexualidade.

Para aprofundar mais dentro da compreensão da sexualidade foi necessário olhar para o passado e analisar como a sexualidade era vista, Gomes (2018) descreve que relacionamentos homoafetivos eram comuns no passado, assim como nos dias atuais, embora não existia nomenclatura para tal estilo de vida, logo não havia um olhar preconceituoso.

Historicamente a sexualidade pode ser dividida por dois períodos repressivos: 1) repressão religiosa: no século XVI a igreja lançou nota de repúdio à prática sexual não natural considerando uma heresia, crime pelo qual muitas vezes se pagava com a morte, e 2) repressão social: no século XIX políticas higienistas oriundas do estudo da sexualidade que apontava a homossexualidade como uma doença da mente.

O estudo da sexualidade teve início o final do século XIX com o objetivo de entender as pulsões sexuais e os defeitos do sexo, Vieira (2009) relata uma fase de sofrimento, uma verdadeira caça às bruxas contra os então chamados invertidos. Com a nova ciência consolidada, pessoas que mantinham relações sexuais com parceiros do mesmo sexo passaram a ser chamados de homossexuais, portadores do homossexualismo, na época apontado como doença, não sendo descrito suas origens, ou um nível de contágio, o que levantou ainda mais olhares preconceituosos sobre o público em questão.

Freud foi pioneiro na defesa do modo de ser, haja visto que sua pesquisa considerava o constructo da sexualidade desde a infância e compreendia que a sexualidade era algo íntimo e particular, tendo apenas que trabalhar a aceitação e o amadurecimento da sexualidade.

No livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – 1901-1905”, Freud (1996) apresenta suas ideias sobre a sexualidade infantil, para Freud a sexualidade está presente desde o nascimento e passa por evoluções à medida que a criança vai se desenvolvendo, de modo tal que, ao final deste processo evolutivo, espera-se que o indivíduo se organize sob a primazia da zona erógena genital. No desenvolvimento psicosexual freudiano apresentado na releitura de Campezanatto (2011), as fases do desenvolvimento psicosexual tem papel fundamental na construção da identidade de um indivíduo.

**Quadro 5 – Estágios do desenvolvimento psicosexual**

ESTAGIOS DO DESNVOLVIMENETO PSICOSEXUAL			
FASES	ZONA ERÓGENA	CONFLITO	TRAÇOS ADULTOS
ORAL 0 – 12/18	BOCA	A criança obtém prazer através da atividade oral. O desmame é a experiência ou conflito central.	Agressividade verbal, impaciência, abuso de determinadas substancias
ANAL 12/18 - 3	ANUS	A tarefa central consiste em controlar as funções orgânicas, aprendendo regras higiênicas.	Avareza, obstinação, tendência compulsiva para a organização. Ou então: Desordem, crueldade, violência destrutiva
FÁLICO 3 - 6	ORGÃOS GENITAIS	Período de curiosidades e descobertas Complexos de Édipo e Electra A superação do complexo é decisivo para o desenvolvimento moral e social.	Homens: afirmação da masculinidade. Mulheres: sentimento de inferioridade. A fixação nos complexos pode gerar sentimento de culpa na sexualidade
LATENCIA 6 - 9		Período de suspensão das pulsões sexuais A energia libidinal é deslocada pra as atividades físicas e intelectuais.	
GENITAL 9 -	ORGÃOS GENITAIS	Retomada dos impulsos sexuais. O adolescente passa a buscar em pessoas fora do grupo familiar o seu objeto de prazer.	

Fonte: Própria (2020)

Podendo então concluir que a compreensão e a interpretação do mundo exterior é uma capacidade hereditária do ser humano, e que seus genitores serão, não apenas um modelo de educação direcionada, mas sim um exemplo autêntico de como devemos lidar com o mundo podendo haver, nas mais simples atividades, a concordância e a discordância, o mesmo serve para o modo de viver.

Neste estudo conclui-se que a sexualidade humana não é concreta ou engessada, ela se molda ao meio, todavia não depende apenas deste meio para que isto ocorra, não sendo um problema. A homossexualidade ou uma identidade de gênero não casual não é sinônimo de doença ou de fragilidade da minoria, porém, a má compreensão da sexualidade ou conflito na autocompreensão, somado ao preconceito exterior vem sendo a maior dificuldade dos tempos em que o modo de ser sobrepõe o valor de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos em conflito de gênero, devemos considerar a subjetividade que surge na relação dialética indivíduo *vs* sociedade. Vale ressaltar que a construção de uma sociedade de gênero é um processo complexo que revela a estrutura desta, pois podemos perceber nas escolas e na educação geral, as mulheres ainda se reproduzem em uma perspectiva sexista, dando aos meninos mais liberdade. Historicamente, os homens orientam a vida social e consideram o modelo patriarcal como um sistema que oprime e domina as mulheres, uma questão indissociável da desigualdade de gênero.

A produção dessas obras permite que instituições de ensino, psicólogos e comunidades construam novos valores, assim se tornando capaz de formular um projeto de identidade pessoal cujo conteúdo não tenha sido definido com autoridade antes, ou "através da aprendizagem do novo valor e das novas normas geradas no processo de geração de identidade, como a semelhança entre aprender pensar e ser.

Identidade é movimento, sendo uma construção e desconstrução contínua de valores, papéis e personagens. Por isso, é importante que haja cada vez mais espaços de discussão e projetos, como conhecimento aqui descritos, sendo estes intimamente ligados ao tema da identidade psicossocial e relação de gênero. Para que a sociedade e instituições tornem-se cada vez mais humanas. Esse trabalho busca mostrar, não apenas a importância da relação entre si, mas também a influência do contexto social no processo de representação da identidade pessoal.

Dessa forma, podemos refletir sobre a fluidez da identidade de qualquer pessoa, a fluidez do processo identitário e a importância das relações dialéticas na dinâmica que constitui a humanidade. Portanto, o estudo da identidade permite uma compreensão mais abrangente do fenômeno, pois considera diversos aspectos que afetam a estrutura identitária, aspectos estes caracterizados pela flexibilidade e alternância de papéis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, S. M.; FARIAS, T. M. S.; NANTES, E. S. **Fases psicosexuais freudianas**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 4., 2015, Paraná. Anais eletrônicos. Disponível em: < <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>.
- ANDRADE, G.M.P. **Realidade, criatividade e imaginário na teoria dos tipos psicológicos de Jung**. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 79-89, 2011.
- ANTUNES, Ciro Carlos; MARQUES, Brendon José. **A Literatura e o Homoerotismo, sob a perspectiva da obra “O Terceiro Travesseiro”, de Nelson Luis de Carvalho**. In: ANTUNES, Ciro Carlos (org.). Floresta de Ensaio. Rio de Janeiro - RJ: Bibliomundi, 2018, pp. 33-76.
- BARCAUI, A.B., PATROCÍNIO, J. A., & QUELHAS, O. **Modelo para formação de equipes baseados em Jung**. Revista Pesquisa e Desenvolvimento de Engenharia de Produção. Minas Gerais. n. 2, p. 22-37, 2004.
- BENTO, B. **Luta globalizada pelo fim do diagnóstico de gênero. Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida**. Rio Grande: FURG, p. 89-108, 2011
- BENTO, B. **O que é transexualidade**. Brasiliense, 2017.
- BENTO, B. **Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova**. Ciência & Saúde
- BERGAMINI, Cecília W. **Psicologia Aplicada à Administração de Empresas: Psicologia do Comportamento Organizacional**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Desenvolvimento Psicosexual da Criança - Fase Oral**. 2010. Disponível na Internet in <http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com/2010/10/desenvolvimento-psicosexual-da-crianca.html>
- BRASIL, Conselho Federal de Medicina. Resolução n. 1482, de 10 de setembro de 1997. **Autoriza a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários com o tratamento dos casos de transexualismo**. Brasília, 1997.
- BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. Lei nº4.119, de 27 de agosto de 1962. **Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo**. Brasília, 1962.

BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº01, de 22 de março de 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual.** Brasília, 1999.

BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº01, de 29 de janeiro de 2018. **Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis.** Brasília, 2018.

BRÍGIDO, E.; SIVA, F.B. **A sexualidade na perspectiva freudiana.** Revista contemplação. Marília, n.13, p. 125-138, 2016.

BRITZMAN, D. **O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo.** Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.69, 2003.

CAMPEZANATTO, P. M.; HALLBERG, A. E.; SANCHOTENE, B.; SILVA, M. R.; STEIBEL, D.; NUNES, M. L. T. **A latência na atualidade: considerações sobre crianças encaminhas para psicoterapia.** Aletheia, Canoas, n. 35-36, p. 51-68, dez. 2011.

CARACUSHANSKY, S. R. **A terapia mais breve possível.** São Paulo: Summus, 1990.

CARVALHO, A. **Freud: Para Entender de Uma Vez.** São Paulo, SP: Abril, 2017

CÉSAR, Maria De Fátima G. Toledo. **SEXO & SEXUALIDADE NA MELHOR IDADE.** 2013. 23f. TCC (Bacharelado em Enfermagem) – Faculdade de Ciência e Saúde Jane Vanini, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida.** 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLONINGER, S. C. **Teorias da Personalidade.** Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COIMBRA, Carla Aparecida Eleotério. **A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.** 2009. 64f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – União de Escolas Superiores Paraíso (UNIESP), São Sebastião do Paraíso-MG, 2009.

COLLING, Leandro. **A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil.** Contemporânea Revista de Sociologia da UFSC, v. 3, n. 2, 2013.

CORR, Philip J.; MATTHEWS, Gerald. **O manual de Cambridge de psicologia da personalidade.** 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2009

COUTO, Daniela Paula do. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito.** Psicologia em pesquisa, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, pp. 1-2, jun. 2017. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso)>.

DAVIS, C.; FIORI, W. R.; RAPPAPORT, C. R. **Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981.

DIAS, M. B. **Um histórico da patologização da transexualidade e uma conclusão**

DOLTO, F. **Psicanálise e pediatria**. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980

DONNET, Jean-Luc. **Supereu (Superego)**. In: MIJOLLA, Alain de (Org). Dicionário Internacional da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005, pp. 1822-1824.

EISENDRATH, P. Y. & DAWSON. T. **Manual de Cambridge para Estudos Jungianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. Tradução: Camila Pedral Sampaio e SibilSafdié. São Paulo: Harbra, 1986.

FERRAZ, E. **Porque a gente é do jeito que é?** São Paulo: Editora Gente, 2010.

FERREIRA, Emerson Daniel da Conceição; NEVES, Manoel Gaspar Castro das; ROCHA, Gabriel Pinheiro da. **FREUD, A Psicosexualidade e sua Relação no Ensino da Biologia**. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação VII (CONNEPI) – IFTO. Palmas-TO. 2012. Disponível em <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/2193/1503>.

FERREIRA, Wasney de Almeida. **Sexualidade: Biológico ou Cultural?** Jornal Diário de Contagem. Contagem. 18/04/2014. Disponível em: <http://www.diariodecontagem.com.br/Materia/6589/17/sexualidade-biologico-ou-cultural/>

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. **Compêndio de psicanálise**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

FREUD, S. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Dois histórias clínicas (“O pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”)**, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Fixação em traumas - o inconsciente**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996



FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos. Vol. XIX.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. Imago, 1923.

FURTADO, L. A. R.; VIEIRA, C. A. L. **A psicanálise e as fases da organização da libido.** Revista Scient, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 92-107, fev. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIR, Elucir; NOGUEIRA, Maria Suely; PELÁ, Nilza Tereza Rotter. **Sexualidade humana na formação do Enfermeiro.** Revista Latina-Americana de Enfermagem, v. 8, n. 2, p. 33-420, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0104-11692000000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-11692000000200006)

GOMES, Isabel Cristina. **HOMOAFETIVIDADE: Dinâmicas conjugal e parental.** 1.ed. São Paulo. 2018.

GONÇALVES, R. C.; DIONÍZIO, A. F.; RESENDE, I. L. M. **Diálogo acerca da sexualidade entre pais e filhos na concepção dos adolescentes.** UEG em Revista, v. 1, p. 27-49, 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Revista Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

HALL, C. S.; CAMPBELL, J. B.; LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade.** Tradução: Lauro Bretones, Aidyl M. Queiroz e Maria C.M. Kupfer. Vol. I. São Paulo: EPU, 1984.

HARRIS, Judith Rich. **Onde está o ambiente da criança? Uma teoria do desenvolvimento de socialização de grupo.** Revisão psicológica, v. 102, n. 3, p. 458-489, 1995. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1995-40091-001>

HERBERT, Martin. **Convivendo com o adolescente.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

HÉRITIER, Françoise. **Masculin/Féminin.** Tradução: Cristina Furtado Coelho (Masculino/Feminino: o pensamento da diferença). Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos.** Brasília, 2012.

JORGE, J. D. **A construção da associação livre na obra de Freud.** 2007. 135 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte/MG, 2007. Disponível em: . Acesso em: 6 de jun. de 2018.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1921

KATZ, Jonathan Ned. **L'intention de l'heterosexualité.** Paris. Epel. 2001

- KAWAMOTO, Tetsuya. **Mudança de personalidade em experiências de vida: efeito moderador da segurança de anexos**. Pesquisa Psicológica Japonesa, v. 58, n. 2, p. 218–231, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jpr.12110>.
- LANTÉRI-LAURA, G. **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAZARUS, S. R. **Personalidade e adaptação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LENZI, F. C. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte dos setores mecânico, metalúrgico e de material elétrico/comunicação em Santa Catarina: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras reconhecidas**. Tese de Doutorado, p. 58-59, Departamento de Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- MIJOLLA, Alain de (Org). **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005
- MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. [Eu]. In: Alain de (Org). Dicionário Internacional da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005, pp.654-656.
- MORALES, S. A. **Relação entre competências e tipos psicológicos Junguianos nos empreendedores**. Tese de Doutorado, p. 101, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.
- MYERS, S. **Normality in analytical psychology**. Centre for Psychoanalytic Studies. Behavioral Sciences, v. 3, p. 647-661, 2013.
- NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas- SP: Autores Associados, 2000.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. **História das Primeiras instituições para alienados no Brasil**. Revisa História, Ciência, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 3, p. 983-1010. 2005.
- PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre. AMGH. 2013
- PEIXOTO JR., Carlos Augusto. **Metamorfoses entre o sexual e o social: Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1999.
- PEREIRA, F.; MARQUES, L.; SPERONI, T. **Um estudo sobre a noção de bissexualidade em Freud**. Revista Saúde, Corpo, Ambiente & Cuidado, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2012.

PEREIRA, Fernanda Martins; PEREIRA NETO, André. **O Psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003

PERRONE, M.P.M.S.B. **COMPLEXO: Conceito Fundante Na Construção Da Psicologia De Carl Gustav Jung**. Tese de Doutorado, p. 79, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos & Contextos: Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 2011

PINTO, Elizabeth Batista. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica**. Revista Psicologia USP, São Paulo, v.15, n.1-2, p.71-80. 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0103-65642004000100012&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-65642004000100012&Ing=en&nrm=iso)

PIOVESAN, Josieli; et al. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. Santa Maria, RS: UFSM, NTE. 2018.

PORTE, Michèle. **Isso (Es)**. In: MIJOLLA, Alain de (Org). Dicionário Internacional da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005, pp. 1000-1003.

RAGOZZINO, R.L. & KELLY, W.E. **Typing the worrier: relationship between · Worry and jung's personality types**. Eastern Psychological Association. v. 131, n. 4, p. 791-797, 2009.

RAMOS, L. M. A. **Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade "Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)": Contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica**. Educação temática digital, v. 7, n. 1, p. 137-180. Disponível em: <http://nbnresolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-103806>, 2005.

RUSSO, Jane A. **A difusão da Psicanálise no Brasil na Primeira Metade do século XX – da vanguarda modernista à Radio-Novela**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia - UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2002.

SADIM, Emerson Odilon. **A importância das fases psicosssexuais do desenvolvimento infantil, segundo Freud, para melhor proteger o psiquismo da criança e do adolescente**. 2011. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/18760/a-importancia-das-fases-psicosssexuais-do-desenvolvimento-infantil-segundo-freud-para-melhor-protger-o-psiquismo-da-crianca-e-do-adolescente>

SALIM, Sebastião Abrão. **A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais**. Revista Mental, Barbacena, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272010000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009&lng=pt&nrm=iso).

SANTOS, M. F. A. **Desenvolvimento sexual infantil**. Psicologia.PT. abr. 2016.

SÃO PAULO (província). **Lei nº12**, de 18 de setembro de 1848.

SCHAEFFER, Jacqueline. **Histeria**. In MIJOLLA, Alain de (Org). Dicionário Internacional da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005, pp. 880-881.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da Personalidade**. 3ª ed. São Paulo: Congage Learning, 2015.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

SILVEIRA, E.G.F. **GESTÃO DO CONHECIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES: Perfil Motivacional e Tipos Psicológicos Junguianos - Um Estudo De Caso Em Uma Empresa De Saúde**. Dissertação de mestrado, p. 93, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

SOARES, Antonio Rodrigues. **A Psicologia no Brasil**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 30, n. spe, p. 8-41, 2010.

Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932010000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 04 Junho 2020.

SOUZA, EloisioMoulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. **(Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais**. RAM, Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712013000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000400004&lng=en&nrm=iso)>.

URRIBARRI, R. **Descorriendo el velo sobre el trabajo de latencia**. Revista Latino-Americana de Psicanálise – FEPAL, v. 3, n. 1, pp. 257-292, 1999.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. **As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana**. Revisa Mal Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 487-525, jun.2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006)

VIRGA, D., CURSEU, P. L., MARICUTOIU, L., SAVA, F. A., MACSINGA, I. & MAGUREAN, S. **Personality, Relationship Conflict, and Teamwork Related Mental Models**. PLOS ONE, v. 9, n. 12, 2014.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: Quem Educa o Educador. Um Manual para Jovens, Pais e Educadores**. São Paulo: Inglu, 1997.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad. Significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999

ZORNIG, S.M.A. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões**. Revista psicologia em estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, 2008. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100009)

**ANEXOS**

## APÊNDICES